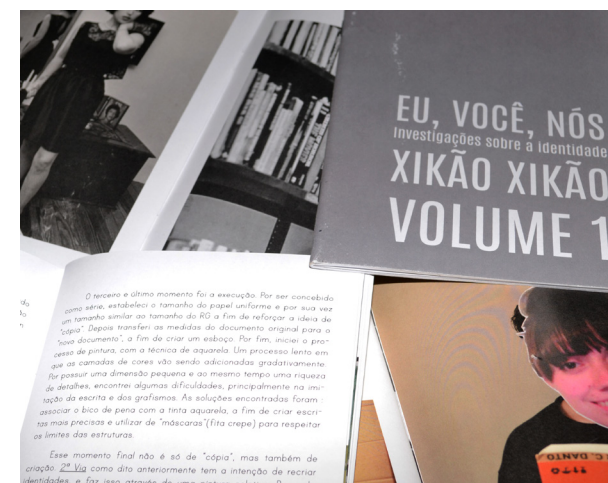
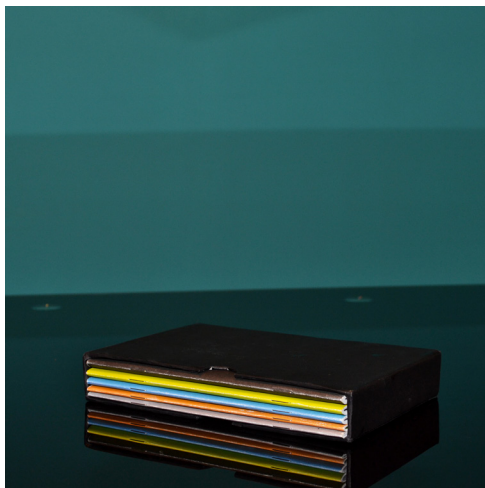


EU, VOCÊ, NÓS

Investigações sobre a identidade

XIKÃO XIKÃO

A versão digital deste TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) simula a versão física do mesmo. Em papel, o conjunto é dividido em 5 volumes e inserido num box (caixa). Em digital, é respeitada a estrutura dos volumes porém há uma compilação dos mesmos. Embora sejam leituras diferentes, a intenção é aproximar as leituras e tornar a experiência, similar. Para aqueles que não tiveram acesso a versão física, segue alguns registros.



EU, VOCÊ, NÓS

Investigações sobre a identidade

XIKÃO XIKÃO

VOLUME 1



XIKÃO XIKÃO / FRANCISCO L. COSTA

EU , VOCÊ , NÓS

INVESTIGAÇÕES SOBRE A IDENTIDADE

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO,
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS,
HABILITAÇÃO EM PINTURA,
POR ESCOLA DE BELAS ARTES,
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS.**

ORIENTADOR : PROF. DR. ADOLFO ENRIQUE CIFUENTES

**BELO HORIZONTE
ESCOLA DE BELAS ARTES / UFMG
2014**

DEDICATÓRIA

Ao meu orientador, Adolfo Cifuentes, pelas
correções, referências ,discussões
e conversas em português-español,
español-português.

Aos meus professores, por me
apresentarem novos mundos.

Aos meus amigos, por todos
os momentos compartilhados
- artísticos e não.

À minha mãe, pelo suporte às
minhas escolhas profissionais.

À todos(as) artistas, obras e pessoas
que me inspiraram , inspiram e inspirarão.

RESUMO

A identidade é motivo de investigação em diversas áreas. Vários são os pesquisadores, do texto e da imagem, que tentam responder as questões da identidade. As respostas surgem de conceitos complementares, como alteridade e comunidade. Nas artes visuais, as perguntas e respostas surgem da relação entre identidade e representação. Nessa discussão, o autorretrato vai desempenhar um papel importante. Esta dissertação tem intenção de iniciar uma breve discussão sobre a identidade. Para isso, ela se fundamenta em referências teóricas diversas e analisa algumas obras e artistas, relacionados ao tema apresentando. As obras, no caso, são divididas em: realizadas pelo autor deste TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) e realizadas por outros artistas. As bases desta pesquisa estão ancoradas em dois eixos principais: a arte contemporânea e a pós-modernidade, pois a identidade ganha destaque em diversas produções nas últimas décadas.

Palavras-chave : Identidade , Alteridade , Comunidade, Autorretrato , Documento de Identidade, Máscara , Pintura , Fotografia , Performance.

RESUMEN

La identidad es objeto de investigación en diversas áreas. Varios son los investigadores, del texto y de la imagen, que intentan responder a las cuestiones de la identidad. Estas respuestas, surgen de conceptos complementares, tales como alteridad y comunidad. En las artes visuales, las preguntas y respuestas surgen de la relación entre identidad y representación. En esa discusión, el autorretrato va desempeñar un rol importante. Esta disertación tiene la intención de iniciar una breve discusión acerca la identidad. Para eso, ella fundamentase en referencias teóricas diversas y realiza el análisis de algunas obras y artistas relacionados con el tema presentado. Dichas obras están divididas en dos grandes grupos: aquellas realizadas por el autor de este TCC (Trabajo de Conclusión de Carrera) y las realizadas por otros artistas. Las bases de está investigación está anclada en dos ejes centrales: el arte contemporáneo y la posmodernidad, pues la identidad gana destaque en diversas producciones de las últimas décadas.

Palabras-llave : Identidad , Alteridad , Comunidad , Autorretrato , Documento de Identidad , Máscara , Pintura , Fotografía , Performance.

SUMÁRIO

VOLUME 1

1 - Folha de Rosto	05
2 - Dedicatória	07
3 - Resumo	09
4 - Resumen	10
5 - Sumário	13
6 - Lista de Imagens	16
7 - Introdução	19

VOLUME 2, 3, 4

8 - Capítulos	
8.1- Capítulo 1 , O Autorretrato	Volume 2/p.03
8.2 - Capítulo 2 , O Eu e o Outro	Volume 3/p.03
8.3 - Capítulo 3 , Documento de Identidade	Volume 4/p.03

VOLUME 5

9 - Conclusão	03
9 - Anexo	07
10 - Bibliografia	45

LISTA DE IMAGENS

FIGURAS

Referentes aos Capítulos

- 1 - Autorretrato , **Albrecht Dürer**, Óleo sobre tela, 1500.
- 2 - Persona (esboços), **Xikão Xikão**, Fotografia, 2012.
- 3 - Persona, **Xikão Xikão**, Acrílica sobre tela/papel , 2012.
- 4 - Untitled Film Stills , **Cindy Sherman** , Fotografia , 1977-1980.
- 5 - Arthur Rimbaud in New York , **David Wojnarowicz** ,Fotografia, 1978-1979.
- 6 - Retrato de Rimbaud, **Étienne Carjat**, Fotografia, 1871.
- 7 - Identity Exchanged, **Xikão Xikão**, Fotografia, 2012.
- 8 - Rotatividentidade , **Xikão Xikão**, Performance, 2013.
- 9 - Egípcios, **Nabil Boutros**, Fotografia , 2011.
- 10 - 2ª Via , **Xikão Xikão**, Aquarela sobre papel , 2013-2014.
- 11 - Passport , **Saul Steinberg** , Técnica Mista, 1951.
- 12 - Large Document, **Saul Steinberg** , Técnica Mista, 1951.
- 13 - “Document Rimbaud”, **Saul Steinberg** , Técnica Mista , 1953.
- 14 - Group Photo (e detalhe), **Saul Steinberg**, Técnica Mista, 1953.

Referentes ao Anexo

- 15 - Self-Portrait, **Martin Kippenberger**, Óleo sobre tela, 1988.
- 16 - Vulnerável , **Xikão Xikão** , Acrílica sobre tela , 2011.
- 17 - As Duas Fridas, **Frida Kahlo** , Óleo sobre tela , 1939.
- 18 - Genetic Portraits , **Ulric Collette**, Fotografia , 2014.
- 19 - Dualidades, **Xikão Xikão** , Acrílica sobre papel/tela, 2012.
- 20 - Hermaphrodite , **Ulay**, Performance, 1973.
- 21 - Masculino Femilino, **Xikão Xikão** , Performance , 2014.
- 22 - Identities like Onions, **Shaina Craft**, Técnica Mista 2013.
- 23 - Dois Por Um,Três por Dois, **Xikão Xikão**, Fotografia, 2012-2013.
- 24 - Masquerade, **Saul Steinberg**, Fotografia , 1962
- 25 - Eu-Você, Você-Eu (título provisório) , **Xikão Xikão** , Fotografia, 2014.
- 26 - Zelig, **Woody Allen** , Longa-Metragem , 1983.

INTRODUÇÃO

Quem sou eu ? Quem é ele ? Quem somos nós ? Eu sou assim ? Sempre fui assim ? Serei sempre assim ? O que me torna diferente dele ? E o que me torna igual á todos ?

Estas são algumas perguntas que nos intrigam, diversas vezes ao longo da vida. A partir destas surgem outras, que despertam nossa curiosidade acerca da identidade. As respostas estão relacionadas a conceitos, como :

Identidade, alteridade, comunidade, personalidade, personalidade , persona.

Embora a identidade nem sempre ocupe o lugar dos holofotes existe uma discussão em torno dela que é constante. Não havendo uma resposta definitiva, o ser humano está sempre questionando sua identidade. Destas tentativas de respostas que a discussão ganha fôlego. Vários curiosos se debruçaram e debruçam sobre a temática. Filósofos, Sociólogos, Antropólogos, Psicólogos tentam traduzir em palavras. Pintores, Fotógrafos , Videomakers tentam traduzir em imagens. Alguns, conheceremos no decorrer do texto.

Documento de Identidade, Retrato , Autorretrato, Selfie , Máscara.

Estes são alguns exemplos de representações que podem estar presentes do campo artístico e estão presentes na minha trajetória em Artes Visuais, na Escola de Belas Artes da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Dessa maneira, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo discutir as questões citadas, apresentar alguns pensadores e artistas que pesquisam o tema e também revelar, processos e interpretações, de algumas obras minhas relacionadas ao assunto.

Como em toda pesquisa, neste TCC não há totalidade. E nem há intenção de haver. Os temas, referências e trabalhos relacionados a identidade são inúmeros, e não poderiam ser contemplados todos, aqui. Além disso, minha produção na EBA (Escola de Belas Artes) foi extensa e também não seria possível englobá-la por completo. Com isso, o que proponho são alguns recortes que permitem ao leitor um panorama breve. Os recortes escolhidos são permeados pelo número três:

- Três capítulos,
- Três pontos de vistas
- Três análises artísticas.

Sobre esses recortes é importante ressaltar que são baseados em três relações a partir das quais desenvolvo cada capítulo. No caso, são: a relação entre identidade e autorrepresentação, identidade e alteridade e identidade e comunidade.

- O “eu” e o próprio “eu”
- O “eu” e o “outro”
- O “eu” e o “nós”.

Dessa maneira, cada capítulo aborda uma dessas relações e toma para análise algumas referências. O número de referências é reduzido, porém, abrangem um leque diversificado e representativo. No que tange as referências visuais, elas percorrem a pintura, o desenho, a fotografia e a performance. Já no que tange as referências textuais, elas pertencem, majoritariamente, a pós-modernidade. Devido ao meu próprio interesse por questões contemporâneas, esta dissertação privilegia referências das últimas décadas, deixando propositalmente de lado referências anteriores, que embora importantes, tornariam o texto mais historicista.

Como os capítulos não possuem um caráter cronológico, nem uma linearidade entre eles, optei por realizar capítulos de leitura independente. Embora complementares, os capítulos não dependem entre si, pois são completos em suas discussões e exemplificações. Dessa maneira então surgiu o projeto gráfico deste TCC. A criação de três volumes, um para cada capítulo, possibilitaria essa versatilidade de leitura, desejada. Sinta-se, então, a vontade para ler o Capítulo 2 antes do Capítulo 1.

Por fim, retifico as escolhas realizadas. Ao relembrar minha produção artística desses cinco anos, percebi como meu percurso havia sido múltiplo e mutável. E ao pesquisar aquilo que se relacionava com meu trabalho, percebi como aquele universo era múltiplo e mutável também. Além disso, percebi nessa pesquisa, como o assunto desse universo era atual.

Não haveria então, melhor maneira de realizar essa dissertação, do que realizando as escolhas citadas. No entanto, vale lembrar que este TCC é apenas uma possibilidade de leitura, da minha produção e de produção semelhante. E como todas as possibilidades não são completas ou definitivas. Afinal, o interessante é a busca.

Boa Leitura



EU, VOCÊ, NÓS
Investigações sobre a identidade
XIKÃO XIKÃO
VOLUME 2

CAPÍTULO 1 , O AUTORRETRATO.

Existe um tipo de representação que acompanha o homem a muito tempo: a autorrepresentação. Desde as primeiras autorrepresentações do Renascimento até as Selfies contemporâneas, o gênero autorretrato é constantemente visitado por artistas e pessoas, no geral. O fascínio por esse gênero acontece pela possibilidade de retratar e recriar sua própria identidade. Este capítulo vai analisar o gênero e também vai apresentar uma série de autorretratos do aluno e uma série de autorretratos de Cindy Sherman. Além de mencionar obras de outros artistas e citações que complementem as ideias.

A classificação do autorretrato requer esforços, pois determinar quais tipos de representações podem ser categorizadas como autorretrato pode ser desafiante. Além disso, dentro do próprio gênero, a diversidade de tipos é vasta e pode-se pensar algumas subclassificações. Um dos primeiros tipos que autorretratos surgido foi a representação do artista inserida numa representação de grupo. Como é o caso de **Rafael**, ao se retratar juntamente com um grupo de pensadores importantes, como Platão e Aristóteles, em sua pintura Escola de Atenas (1510). Outro tipo de autorretrato comum é a representação do artista em seu ateliê. Como é o caso por exemplo de O Ateliê do Pintor (1885) de **Gustave Courbet** . Além da representação , física e emocional, do próprio artista como é o caso de Autorretrato (1889), **Van Gogh**. No entanto nesse capítulo iremos focar em um tipo de autorretrato que pode ser chamado de “falso autorretrato”. Nesse tipo de autorretrato é nítido que o artista representa sua identidade ao mesmo tempo em que encena um personagem. É um não lugar entre se representar e representar o outro.

Já em relação à origem do autorretrato como gênero, existe também uma complexidade. Estabelecer uma origem para o autorretrato seria apenas determinar um ponto inicial, pois determinar algo como primeiro na história da arte é um ato que, geralmente, deslegitima outros possíveis “começos”. Sabe-se que é uma prática antiga e esteve presente nas civilizações remotas. No caso, consideremos um marco já estabelecido : o Renascimento. Foi exatamente nesse contexto histórico que o autorretrato ganhou força como linguagem. Sendo o artista alemão **Albrecht Dürer** , um dos primeiros “autorretratistas”. Dürer realizou cerca de doze autorretratos, sendo que alguns definem o Autorretrato de 1493 , como a primeiro do artista. No entanto, usaremos um exemplo posterior, seu último autorretrato, de 1500, é o mais complexo e trás uma semente do chamado “falso autorretrato”, presente nas demais obras desse capítulo. Autorretrato ou Autorretrato aos 28 anos é uma pintura a óleo realizada pelo artista em 1500. O que impressiona nessa obra é que o artista teatraliza sua presença na representação. De presença solene e austera ,o artista cria uma esfera enigmática em sua representação. Além disso , acredita-se pela semelhança física e pelas características da pintura, que Dürer estaria se representando como Cristo. Ocupando então, um lugar duplo entre retrato e autorretrato. Ou um “falso” autorretrato. Na medida em que Dürer se representa , não como si, mas como o outro.

Fig. 1



O retrato e o autorretrato possuem algumas semelhanças. Principalmente no que se refere ao processo. Realizar um retrato vai além de retratar características físicas da pessoa ou captar sua essência. O lugar do retrato é muitas vezes o lugar da encenação. No autorretrato é igual. O momento de se autorretratar é muitas vezes, o momento de criar outros “eu” : personagens, heterônimos, duplicatas e afins . Existe um ato de performance no autorretrato que nos passa despercebido. Além disso, somente no autorretrato o sujeito é duplo: artista e modelo. Sendo assim, o sujeito desempenha duas funções diferentes simultaneamente. **Elisa Campos**, fala disso em seu texto, O Autorretrato:

O autorretrato tem em muitas circunstâncias a construção de uma identidade através de uma aparência que (...) frequentemente nega a verossimilhança, pois faz parte de uma estratégia da “pose” onde o indivíduo se prepara para ser retratado e muitas vezes artificializa sua própria presença (p. 16)

Considerando então a presença da teatralidade no autorretrato, existe outro conceito que complementar a discussão, o conceito de *Persona*. De origem italiana, mas provinda do latim, essa palavra designa um tipo de máscara feita para ressoar a voz do ator (personare significa “soar através de”) , bem como dar aparência outra, para este mesmo ator. Com mais significados em áreas diversas como psicologia e comunicação, *Persona* também pode ser entendido como as “versões de si mesmo” que constituem a identidade de uma pessoa. A partir da compreensão entorno da palavra partiremos para a análise da série de pinturas, chamada Persona (2012), do aluno e artista **Xikão Xikão**.

Persona é uma série de pinturas realizada em 2012 , na disciplina Ateliê de Pintura I. Encontrava-me no início de uma produção mais comprometida e no início também da minha pesquisa na temática da identidade. Meu interesse na época era pelo autorretrato.

O momento inicial de Persona foi uma busca de fantasias, acessórios e figurinos que me auxiliassem a criar personas e/ou personagens. Minha busca nesse momento não era por me caracterizar por completo, da cabeça aos pés. A intenção era usar de um ou dois acessórios para criar um personagem que fosse um híbrido entre uma identidade minha e uma alteridade outra. Estar e não estar fantasiado, ao mesmo tempo. Nesse divertido processo de se fantasiar, o sujeito acaba descobrindo facetas de sua identidade. **Katia Canton** vai essa questão em seu livro : Corpo, Identidade e Erotismo.

Tatuagens, piercings, maquiagem, (...) além de vestimentas e adornos corporais – são maneiras de construir a relação de identidade e alteridade por meio do próprio corpo. Ele é, afinal, nossa existência materializada e estetizada (p.35)

Logo após, iniciou-se o processo fotográfico que considero semelhante ao processo criativo de **Cindy Sherman**. Assim como a artista norte-americana; ora foi preciso pensar como fotógrafo e elaborar: composição, iluminação e figurino, ora foi preciso pensar como performer/modelo e criar gestos e poses. Um processo duplo que foi criando autorretratos com narrativas intrigantes. O resultado foi uma série de fotografias da qual considero um esboço de Persona.



Fig. 2

Embora meu processo tenha acontecido de maneira mais espontânea que o processo da artista estadunidense, (que é totalmente controlado e planejado), Persona se assimila aos trabalhos de Sherman. Ambos artistas trazem ao espectador o papel do gênero na discussão da identidade. **Cindy Sherman**, na maioria de seus trabalhos, aborda o papel social da mulher. Já **Xikão Xikão**, relativiza os conceitos de masculino e feminino. As personas da obra se posicionam na fronteira entre o masculino e o feminino. A caracterização delas é híbrida. A intenção é questionar o processo de construção da identidade, que passa por valores como : “o que pode” e “o não pode”, homens e mulheres. Para mim, se colocar na fronteira é reavaliar esses valores e mostrar que nossa identidade é plural demais para se encaixar nesses moldes rígidos.

Por fim, a fase final do trabalho: a pintura. Como me encontrava ainda em um momento experimental de minha produção, as pinturas foram surgindo em suportes diferentes , tamanhos diversos e materiais mistos. Dentre esse conjunto destaco duas obras por possuírem uma característica em comum: o uso da cor neon. As tonalidades fluorescentes de cor sempre me atraíram e fazem parte da minha linguagem. Embora, essas pinturas tenham um caráter experimental, destaco-as no meu **TCC (Trabalho de Conclusão Curso)** por considerá-las importantes na minha trajetória artística.



Fig.3



Fig.3



Após realizar Persona, um de meus professores me apresentou os trabalhos de **Cindy Sherman**, que ainda não conhecia, pois a mesma também realizava vários autorretratos. Por ser uma referência na arte contemporânea, Sherman vai despertar a atenção de vários críticos e historiadores e despertou também a minha, quando conheci suas obras, pois achei a mesma coisa, similar e distante da minha produção.

Uma das discussões dos trabalhos de **Cindy Sherman** é se os mesmos podem ser considerados autorretratos. Na medida em que a artista se veste de vários personagens e assume diversas identidades em seus autorretratos, estaria ela se representando ou representando outros? Sem respostas fáceis essa questão permite se pensar um tipo de autorrepresentação em que há uma relação entre identidade e alteridade. Essa categoria está presente também nas obras de **Dürer** e **Xikão Xikão** e pode ser chamado de “falso autorretrato”. **Luiz Henrique Viera** vai opinar sobre em sua tese de mestrado: Identidade e Alteridade na construção do autorretrato: Quando o “outro” é convocado para figurar na superfície especular.

Pessoalmente, tenho a convicção de que um autorretrato deva envolver algum tipo de esforço em se apontar particularidades de seu autor, diferentemente das meras encenações identitárias que, por sua vez, irão refletir muito mais um determinado contexto cultural que o individual. A partir dessa lógica, defendo que Sherman produz ‘falsos autorretratos’, ou ainda, ‘aparentes autorretratos’. (p. 82)

Considerando então que a produção da artista americana é vasta, analisaremos uma série específica que se relaciona com o trabalho Persona, do graduando deste TCC. Essa série se chama Untitled Film Stills e foi realizada no período compreendido entre 1977 e 1980.

Untitled Film Stills é uma série de fotografias de **Cindy Sherman**, na qual a própria artista se caracteriza de possíveis personagens femininas do cinema. e se retrata assim, em cenas diversas. As fotografias são todas em Preto e Branco, em uma referência ao cinema antigo.

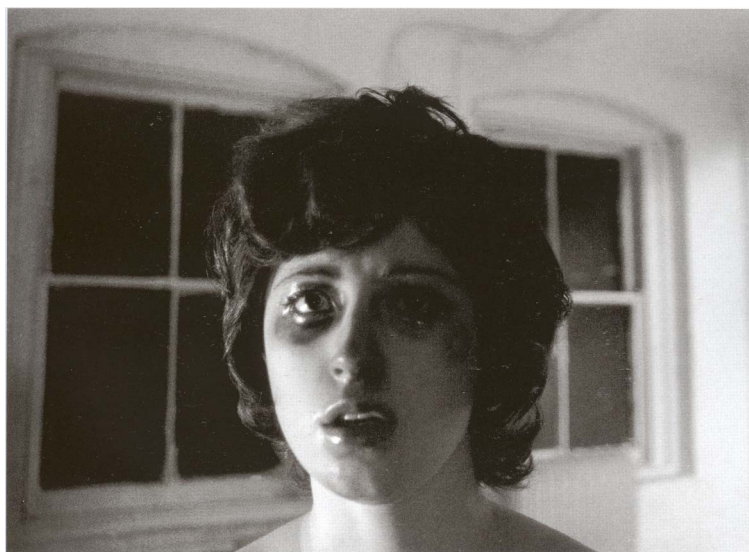
Embora traga referências ao cinema, essa obra não pode ser considerada uma releitura, pois como o próprio título diz, as cenas retratadas são Stills de um Filme Sem Título. Ou seja, não pertencem a nenhum filme específico. As cenas são representações do que poderia ser um estereótipo feminino no cinema. Esse caráter de arquétipo permite, justamente, ao espectador numa primeira leitura associar as fotos com filmes que já viu ou às com atrizes que já conhece. Embora não haja nenhuma referência direta, realidade e ficção se misturam. **Luiz Henrique Viera** também vai abordar essa questão em sua tese.

O fato de alguém buscar (talvez induzido pelo título da série) semelhanças entre suas fotos e fotografias de filmes ‘reais’, acreditando em algum tipo de relacionamento replicativo entre eles (por ter fé na existência do filme referencial), indica que esse alguém comprou o blefe da artista e nunca pensou em desconstruir o mito da referência (p.85-86)



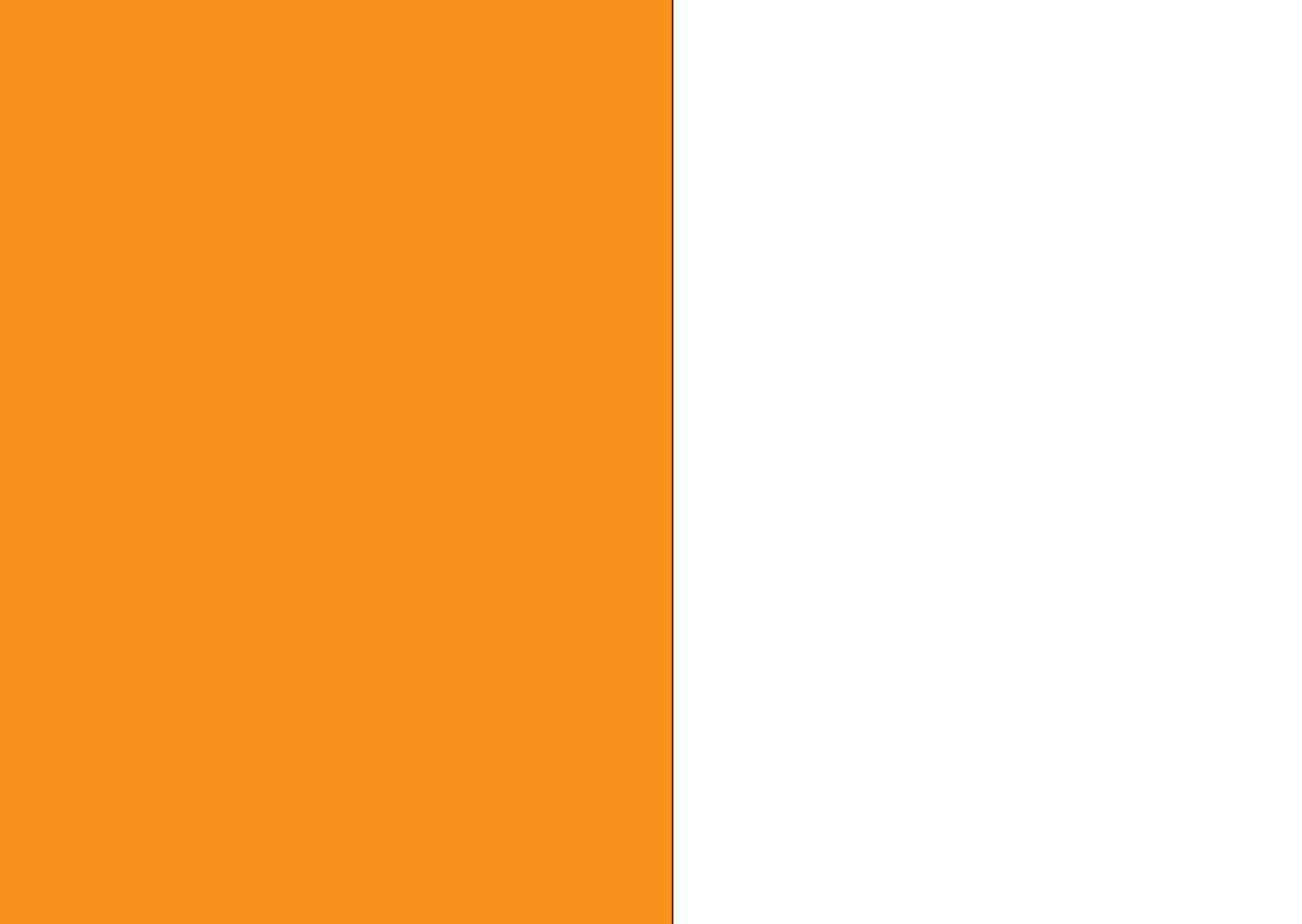
Fig. 4





Dessa maneira a crítica de Sherman se encontra exatamente nesse ponto. A finalidade é trazer a discussão do papel da mulher nas representações midiáticas. As “atrizes” desse Filme Sem Título, geralmente estão numa posição de fragilidade e inferioridade. Elas estão infelizes, solitárias e à espera de alguém. Revelando então, o preconceito presente na representação das figuras femininas nas imagens midiáticas. O que mais impressiona nesse trabalho é que o fato de mesmo que essas mulheres não “existam”, elas nos lembram outras, semelhantes, presentes em nosso imaginário. O espectador se surpreende e é capaz de reavaliar sua percepção da representação feminina.

Interessante pensar que além de **Cindy Sherman** e **Xikão Xikão**, outros artistas e teóricos vão abordar o gênero autorretrato. Revelando a contemporaneidade do tema. Artistas como **Alexandre Mury**, **Lucas Samara** e **Nikki S. Lee** dedicam boa parte de (ou toda) sua produção aos autorretratos. Exemplificando que a representação de si mesmo é recorrente também na arte contemporânea. O fenômeno recente dos Selfies, nos mostra que o interesse pela autorrepresentação também vai além do campo artístico. Talvez esse atual interesse pela autorrepresentação seja reflexo das mudanças recentes no entendimento da identidade. Hoje se defende que a identidade do sujeito é múltipla e volátil e não está mais centrada em um núcleo chamado “eu”. Fala-se também da “virtualidade” associada ao processo de construção da identidade. E são, justamente essas novas ideias, sobre a identidade, que serão abordadas nos próximos capítulos.



EU, VOCÊ, NÓS
Investigações sobre a identidade
XIKÃO XIKÃO
VOLUME 3

CAPÍTULO 2, O EU E O OUTRO.

Compreender a ideia de identidade requer conceitos complementares nas mais diferentes áreas do conhecimento: psicologia, sociologia, filosofia, artes visuais. Um destes conceitos complementares é a alteridade. Se identidade é entendida como aquilo que se refere ao “eu”, alteridade é entendida como aquilo que se refere ao “outro”. A relação entre identidade e alteridade ou entre o “eu” e o “outro” é inspiração para muitos pesquisadores e artistas. Alguns deles serão analisados neste capítulo.

A relação entre o “eu” e o “outro” é fundamental na construção da identidade individual. Quando se estabelece proximidade com o “outro”, se absorve um pouco das características alheias. Sem ao menos notar, copiamos o modo de falar do namorado(a) ou o modo de vestir do amigo(a). Além disso, a própria afirmação da identidade parte também das relações interpessoais. O indivíduo se define quando é associado com o outro indivíduo. Podemos ser “namorado(a)” de alguém ou “filho(a)” de outro alguém. Assim também como, só faz sentido ser “de esquerda” se houver alguém que seja “de direita”. Dessa maneira, a fronteira entre o “eu” e o “outro” está relacionada com nosso convívio social. A definição da palavra alteridade, segundo o dicionário, vai ajudar a entender essa relação.

Alteridade. s.f. Carater ou estado do que é diferente; que é outro; que se opõe a identidade. Filosofia. Circunstância, condição ou característica que se desenvolve por relações de diferença, de contraste. (Etm. do latim: alter + (i)dade)

Um artista que aborda essa relação entre identidade e alteridade é o poeta francês **Arthur Rimbaud**. O mesmo é autor da celebre frase : O eu é um outro (Je est un autre). Frase essa , que será fundamental para as análises deste capítulo.

A frase O eu é um outro (Je est un autre) está presente numa das muitas correspondências que Rimbaud escrevia. A correspondência referente a frase citada é conhecida como Carta ao Vidente e foi realizada em Maio de 1871. Inicialmente destinada ao seu amigo Izambard e logo após reescrita para seu amigo Demyen, esta carta critica as tradições poéticas de sua época e relata como o processo criativo do poeta. Em determinado momento da carta, Rimbaud afirma ser “outro”, talvez se referindo a uma “outra” consciência despertada no ato de criação. É o que o estudioso do poeta, **Edmund White** defende.

A missiva, conhecida como “Carta ao Vidente” é um dos fundamentos da poesia moderna. Em sua carta, mais breve a Izambard ele tinha escrito : “Je est un autre” (“Eu é um outro”), o que significava no ato de introspecção nós objetificamos o ser, experimentamos nosso próprio ser como se pertencesse a outra pessoa. (p.56)

No entanto, essa interpretação não altera o fato que Rimbaud experimentar ser o “outro” durante seu processo de criação. Este fato, a experiência de ser outro, que será eixo principal deste capítulo

Paralelamente, o sociólogo **Stuart Hall** vai discorrer sobre o momento histórico desta carta de Rimbaud, em seu livro A Identidade Cultural na Pós-Modernidade .

Hall diz que é na chegada do modernismo (mesma época da produção do poeta) que ocorrem algumas mudanças no entendimento da identidade. Uma dessas mudanças é a passagem da identidade do “sujeito iluminista” para o “sujeito sociológico”. Segundo Hall, o “sujeito iluminista” entendia sua identidade como centralizada num núcleo e que a mesma não se modificava ao longo dos anos, nascia e morria com o sujeito. Com o modernismo vem a descoberta do “inconsciente”, que é essencial para nascer o que seria o “sujeito sociológico”. A identidade desse novo sujeito era formada pela interação do mesmo com a sociedade. Comunidade e Alteridade passam a ser fundamentais nesse novo jogo da identificação.

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado ,unificado, (...) cujo centro consistia num núcleo interior (...) permanecendo essencialmente o mesmo (...) ao longo da existência do indivíduo. (...) A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”. (...) De acordo com essa visão, (...) a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. (p.11)

Para análise da primeira obra, as fotografias de **David Wojnarowicz**, será necessário apontar uma breve biografia do poeta **Arthur Rimbaud**. Nasceu na França, em 1854. Muito precoce, já escrevia seus poemas na adolescência e alcançou reconhecimento da crítica aos vinte anos.

Conhecido pela sua poesia experimental, Rimbaud é considerado um poeta de vanguarda. Coincidentemente sua vida pessoal também é vista como transgressora. Recebe a alcunha de Enfant Terrible (“terrível criança”, livre tradução) por alguns motivos: o uso de algumas drogas, como haxixe e ópio, e seu relacionamento homossexual com o poeta Paul Verlaine. Também ficou conhecido por suas viagens ao redor do mundo. Antes de morrer, aos 37 anos, Rimbaud já havia circulado por Europa, Ásia e África. Embora esses fatos não sejam relevantes na discussão das questões apresentadas, são fundamentais para análise à seguir.

David Wojnarowicz é um artista norte-americano que produziu no período de 1978 a 1979, a série fotográfica Arthur Rimbaud in New York, (Arthur Rimbaud em Nova York, livre tradução). Nessa série, o artista convida conhecidos a usarem uma máscara de papel, contendo o rosto do poeta **Arthur Rimbaud** e solicita-os a posarem em situações diversas de uma Nova York do final dos anos 70. O resultado é uma série de 24 fotografias “preto e branco”, de dimensão 20x25cm.

A escolha de Rimbaud, como “personagem” da obra, não foi gratuita. **David Wojnarowicz** se apropria da identidade do poeta para estabelecer certos diálogos. A intenção é criar correspondências entre a identidade de Enfant Terrible de Rimbaud com a identidade “rebelde” dos personagens de Arthur Rimbaud in New York. O artista desloca Rimbaud no tempo e no espaço, a fim de criar uma nova narrativa com o poeta francês. O “novo Rimbaud” aparece nas fotos em ambientes decadentes, como casas abandonadas e banheiros imundos, e em situações “polêmicas”, como uso de drogas injetáveis, sexo homossexual e porte de armas. Além de situações de extrema solidão.

Basicamente, as cenas refletem uma “marginal” Nova York dos anos 70 e um possível Rimbaud habitando-a. Como o próprio artista diz: “brincando com a ideia de compressão de tempo e ação histórico e fundindo a identidade do poeta francês com modernas atividades urbanas novo-yorkinas, em sua maioria de natureza ilegal.”(tradução livre).

Além disso, este trabalho se relaciona também com a frase, “O eu é um outro”, do poeta pré-modernista. Ao fotografar essas pessoas mascaradas, Wojnarowicz dilui as fronteiras entre o “eu” e o “outro”. Criam-se personagens de identidades híbridas. Eles são e não são, ao mesmo tempo, Rimbaud.

Fig. 5



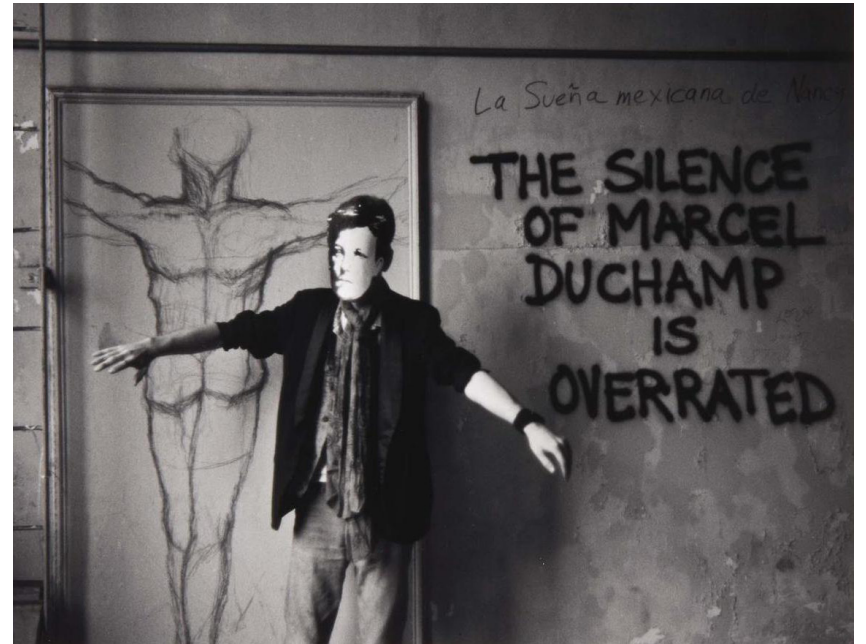
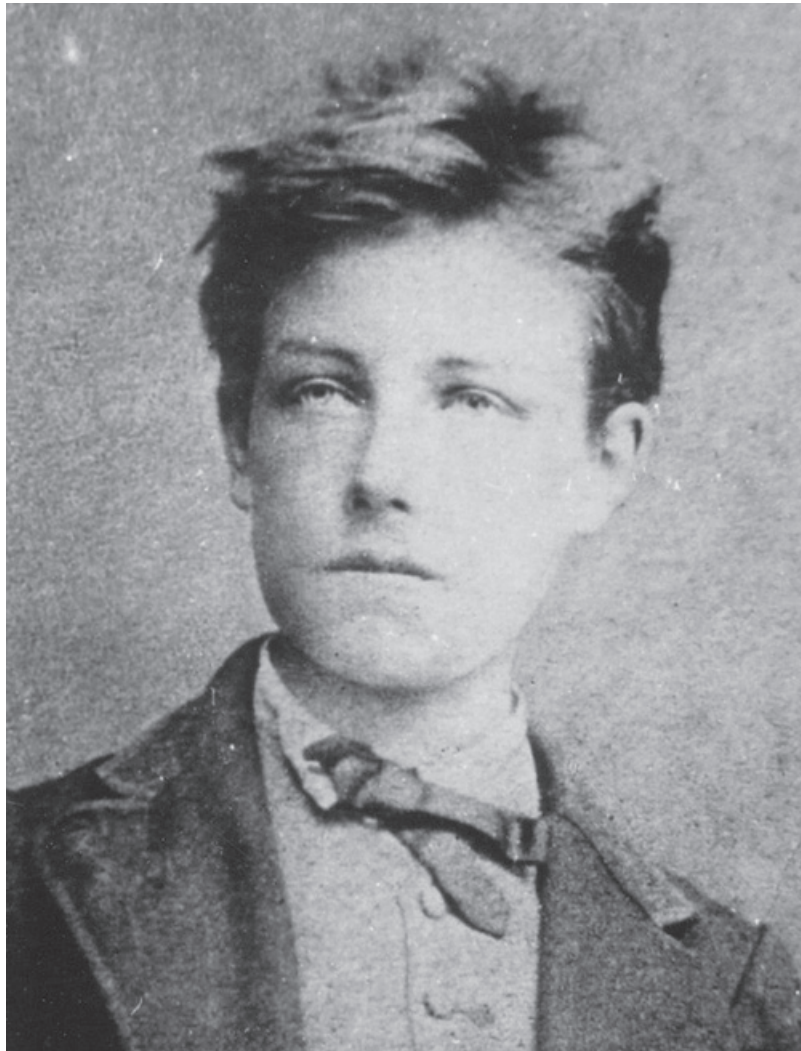




Fig. 6



Também não é gratuita, a confecção da máscara de papel usada em Arthur Rimbaud in New York. O retrato escolhido para constituir o acessório é uma fotografia já existente na história da arte. Realizado em 1871, por **Étienne Carjat**, esse retrato se tornou um dos poucos e mais conhecidos retratos do poeta. Ao escolher um retrato já existente, ao invés de por exemplo desenhar uma máscara de Rimbaud, o artista estadunidense deixa claro sua intenção de apropriação. A obra ganha então um caráter duplo, se torna “a fotografia de uma fotografia”. O teórico, **Dominique Baqué**, vai escrever algumas considerações sobre a apropriação.

É evidente que certo pós-modernismo joga a carta do ecletismo, saboreia os sabores misturados, recicla o usado, integra-se e apropria sem jamais inventar. Rechaçando as hierarquias e evoluções. Também é certo que fotografar fotografias (...) constitui uma formidável máquina de guerra contra qualquer tentativa de re-auretizar a fotografia (...) é acabar com as mitologias do gênio expressivo. (p. 2 e 3)

Os próximos trabalhos à serem analisados serão os seguintes do artista/aluno: Identity Exchanged, de 2012 e Rotatividentidade, de 2013.

Novamente, o ponto de partida para a análise será **Stuart Hall** como referência, o ponto de partida da análise dos trabalhos também é a mudança da identidade. Desta vez, baseado em outra mudança no entendimento da identidade : a passagem do sujeito sociológico para o sujeito pós-moderno. Como já dito, a identidade do sujeito sociológico é formada na relação do “eu” com a sociedade. Entretanto, se considera identidade no singular, “a” identidade do indivíduo. Com a chegada da pós-modernidade, a ideia de pluralidade vai atravessar várias instâncias. Dentre elas, a noção de identidade. Segundo Hall, o indivíduo passa a assumir diversas identidades, muitas vezes contraditórias, sem um “eu” unificador. Mesmo que por um curto período de tempo, o indivíduo esta sempre adquirindo e abandonando identidades. Hall vai exemplificar isso em seu livro Identidade Cultural na Pós-Modernidade.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente. (...) O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidade que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (...) Somos confrontados por uma multiplicidade cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (p. 13)

Ainda segundo o sociólogo, um dos responsáveis por essa mudança, é o fenômeno da Globalização. Com a aproximação das culturas e rápida comunicação da rede mundial de computadores, as possibilidades de identificação aumentam e se tornam mais efêmeras. A relação entre o “eu” e o “outro” alcança outro patamar. Não é mais necessário a presença física para identidade e alteridade estabelecerem um diálogo. O “eu” pode estar no Brasil e o “outro” pode estar no Japão. Essas mudanças irão refletir nos trabalhos do aluno/artista analisados a seguir.

Identity Exchanged (ou Identidades Trocadas) é uma série fotográfica realizada por : **Xikão Xikão , Elizabeth Ransom e Sebastian Benitez**, no ano de 2012. Nesta série , o artista Xikão Xikão convidou os outros dois artistas ,Elizabeth Ransom e Sebastian Benitez, à trocarem de identidades, utilizando de máscaras e utilizando da fotografia para registrar essa troca de identidades. Este trabalho fez parte do projeto **Corpo Coletivo/Collective Body**.

Corpo Coletivo/Collective Body é um projeto iniciado pelas professoras : Patrícia Azevedo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Clare Charnley, da Leeds Metropolitan University do Reino Unido. Realizado com uma periodicidade anual, a base do projeto é o trabalho colaborativo entre estudantes de arte, design e comunicação de diversas universidades, ao redor do mundo. Utilizando da comunicação on-line, estudantes que não se conhecem previamente, criam grupos de trabalhos e materializam uma proposta artística, geralmente de cunho fotográfico. Ao final dos prazos, os alunos realizam uma videoconferência para expor os resultados e compartilhar as experiências.

E assim, aconteceu comigo. Participei do projeto **Corpo Coletivo/Collective Body** com o trabalho Identity Exchanged (Identities Trocadas) no final do ano de 2012. Inicialmente apresentei minha proposta na plataforma virtual de comunicação. Assim, entraram em contato comigo, dois alunos/artistas : **Elizabeth Ransom** da University of Creative Arts da cidade de Farnham , Reino Unido e **Sebastian Benitez** da OCAD University da cidade de Toronto , Canadá. Comuniquei-me com os participantes, separadamente, pois a relação que queria estabelecer era do “eu” com o “outro” , e não do “eu” com o “grupo”. As duplas de trabalho eram : eu e Elizabeth e eu e Sebastian. Definido isso, partimos para a primeira etapa: a máscara. Cada um realizou um autorretrato e “recortou” o rosto do fundo , com auxílio de softwares de edição de imagem. Trocamos os arquivos por e-mail e imprimimos a máscara do “outro”. Partimos então para a segunda etapa : a realização das fotografias. Num processo similar ao de **David Wojnarowicz**, convidei Elizabeth e Sebastian a usarem a máscara com meu rosto e se registrarem em situações do cotidiano. Em outras palavras, propus a Elizabeth e Sebastian serem por alguns instantes: **Xikão Xikão** . Da mesma maneira, me propus à ser Elizabeth e Sebastian por alguns momentos e me registrar nessa experiência. O objetivo final era realizar “retratos/autorretratos” destes momentos performáticos, de ser o outro. O resultado foi aproximadamente vinte fotografias coloridas.

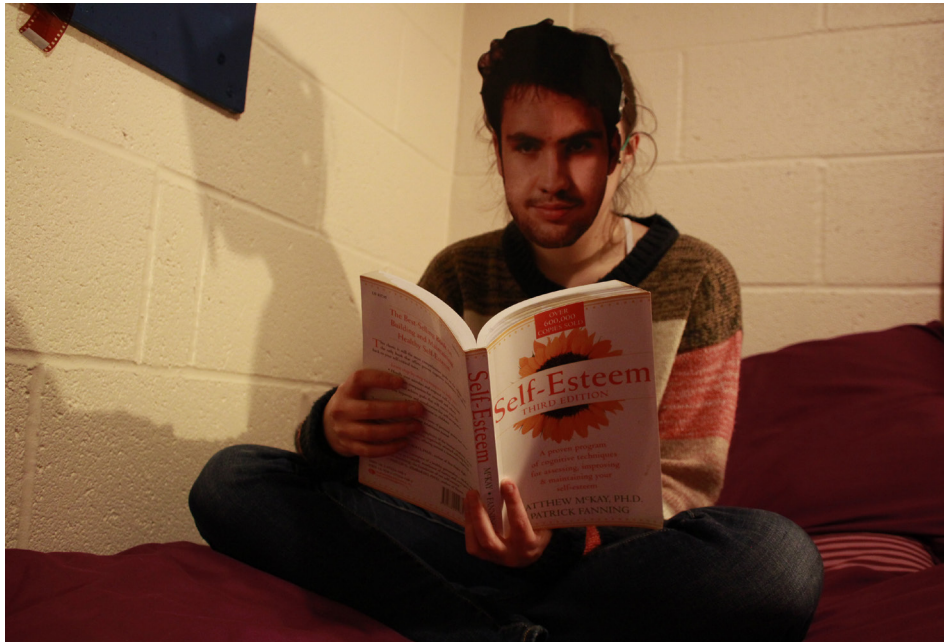
Fig. 7











Novamente aqui, a apropriação se torna ponto-chave. Diferente de Arthur Rimbaud in New York, não há uma compressão do tempo, nem há a apropriação de uma identidade-personagem (no caso, Rimbaud). Os participantes se apropriam das identidades uns dos outros. Logo, a relação entre “eu” e “outro” é mais evidente em Identity Exchanged (Identidades Trocadas), pois o trabalho tem caráter simultâneo. Ao mesmo tempo em que o meu “eu” é deslocado para o um outro contexto, estou experimentando ser o “outro”. Para mim, mais impactante que me colocar no lugar de Elizabeth, foi ver o minha identidade inserida no corpo e cotidiano de Sebastian, por exemplo. A experiência é ambígua, da qual o “eu” é duplicado, ocupando dois lugares ao mesmo tempo. O escritor argentino **Jorge Luis Borges**, vai descrever essa experiência ambígua em seu conto Borges y Yo.

Al otro, a Borges, es a quien le ocurren las cosas. Yo camino por Buenos Aires y me demoro, acaso ya mecánicamente, para mirar el arco de un zaguán y la puerta cancel; de Borges tengo noticias por el correo y veo su nombre en una terna de profesores o en un diccionario biográfico. (p.6)

Vale ressaltar que a apropriação em Identity Exchanged (Identidades Trocadas) resulta também em “fotografia da fotografia”, pois a máscara de papel usada nas cenas, mesmo de autoria própria, é também uma fotografia. Acaba-se criando imagem da imagem.

Finalmente, uma última característica a apontar das fotografias do aluno/artista deste **TCC** é o trabalho colaborativo. A criação nas artes visuais é geralmente conhecida como uma atividade solitária. O artista, em seu atelier.

No entanto, agrupar pessoas, com o objetivo de criação conjunta, torna o processo diferente. Em grupo a criação se torna mais ampla e ao mesmo tempo mais espontânea. Por mais que as diretrizes sejam claras, os resultados muitas vezes podem surpreender. Ademais, há uma flexibilidade nesse processo, que é mais urgente que em outros. Lidar com os prazos, vontades e questionamentos de Elizabeth e Sebastian foi desafiante. Obviamente esse processo, colaborativo e internacional, só seria possível no contexto histórico atual. Apenas com auxílio, das novas tecnologias de comunicação e do fenômeno da globalização, foi possível flexibilizar a relação do “eu” com o “outro”. Como Hall, já havia mencionado a globalização traz alguns reflexos no nosso processo de identificação. Nunca imaginei ver meu “eu” inserido no cotidiano inglês e canadense. Como também, nunca imaginei assumir identidade desconhecidas que pertencem a outras partes do planeta. Foi uma experiência marcante. Tão marcante que dei continuidade à Identity Exchanged, realizando outro trabalho similar (porém diferente), chamado Rotatividentidade.

Rotatividentidade foi uma performance realizada por **Xikão Xikão, Erica Si, Dyana Santos e Gizelle Cândido** no evento Noite Antropofágica no Espaço Cultural Fôlego, em finais de 2013. Como o próprio nome já sugere, nessa performance os artistas trocam de identidade rotativamente, utilizando do artifício de máscaras de papel para assumir a identidade do “outro”.

Minha intenção na época era “eliminar” o aspecto fotográfico de Identity Exchanged. Repeti-lo dessa maneira, significava eliminar a pose, a edição, o clique. Meu impulso por trocar de linguagem também aconteceu pelo seguinte fato: iniciava na época, meus estudos em performance.

Convidei então quatro amigos da **EBA** para participarem comigo. Com o grupo formado, repeti o processo inicial : realizei retratos de Erica, Dyana e Gizelle (além, é claro, de realizar um autorretrato) e confeccionei as máscaras, do rosto de cada um. A partir disso, estabeleci as diretrizes como ordem, momentos e tempo. Em Rotatividentidade estabelecemos que cada “eu” iria trocar com cada “outro” e que essas trocas aconteceriam de maneira simultânea. Num esquema rotativo, no primeiro momento eu trocava de identidade com Gizelle, enquanto Erica e Dyana trocavam de identidade entre si, por exemplo. No segundo momento, as duplas mudariam, e eu passaria a trocar de identidade com Dyana, enquanto Erica e Gizelle trocavam de identidade entre si, por exemplo. Até o momento que cada participante alcançasse as três trocas possíveis. A intenção era aumentar e diversificar essa relação de identidade e alteridade.

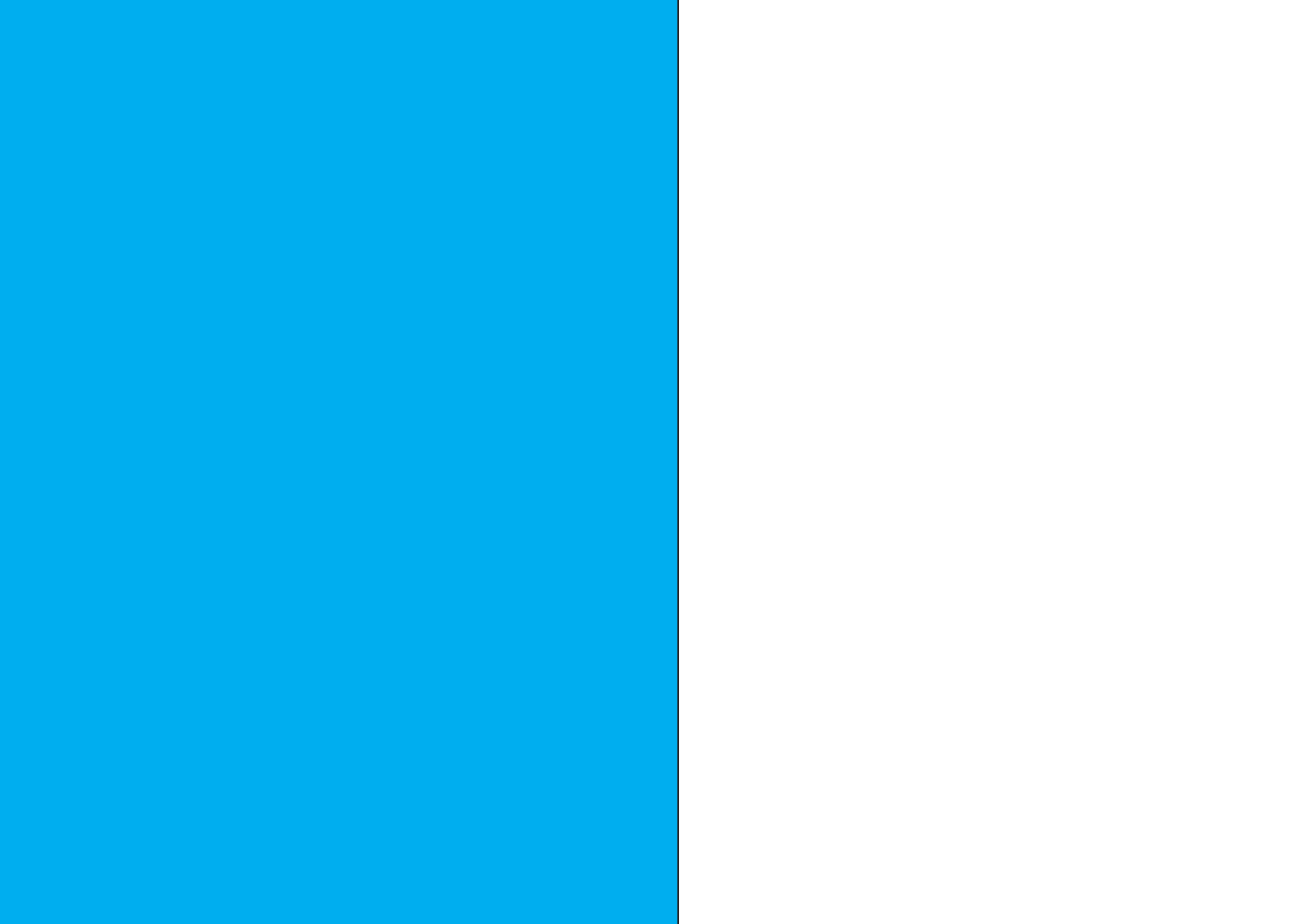
No dia da ação , decidimos por iniciar sem horário definido e sem público à espera . Começamos quando estávamos prontos e encerramos quando estávamos cansados. O “durante” da ação, embora possuía regras como a ordem das trocas, possibilitou espontaneidades . Enquanto realizávamos as trocas , realizávamos pequenas ações que surgiam pela própria dinâmica do espaço e do público. Como por exemplo : dançar em duplas ou conversar com o público. Dessas ações espontâneas vieram surpresas, como por exemplo, quando fui questionado por alguns espectadores : “Quem é você ?” “-Você é a pessoa da máscara?”. A presença do público foi fundamental para ressignificar o trabalho.

Infelizmente, por problemas técnicos, não conseguimos registrar a ação, por sorte conseguimos um registro de espectador.



Fig. 8

Por fim, é interessante observar a relação entre identidade e alteridade, em outras áreas do conhecimento. Uma delas, o cinema. O filme Zelig, do conhecido diretor **Woody Allen** conta a história de um homem, chamado Zelig, que mimetiza a identidade das pessoas. Ao entrar em contato com alguém, Zelig absorve a alteridade desse alguém, passando a “ser” uma cópia desse “outro”. Num processo similar a camuflagem do Camaleão. No decorrer do filme, uma médica preocupa-se com a situação de Zelig e tenta ajudar o personagem a encontrar sua genuína identidade. Embora superficial, esse filme encaixa muito bem na finalização do capítulo pois problematiza algumas questões do mesmo. Como discutido anteriormente, os conceitos de alteridade/identidade ou eu/outro acabam se revelando complementares. Vários serão os artistas e teóricos que vão abordar a relação de contaminação do “eu” com o “outro”. No entanto, Woody Allen vai além e questiona a genuinidade do “eu” e da identidade. Além disso, existem outras relações na questão da identidade, do “eu” com o próprio “eu” ou do “eu” com o “todos”, que também são problemáticas. Estas outras relações e seus possíveis questionamentos serão abordadas nos outros capítulos deste **TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)**.



EU, VOCÊ, NÓS

Investigações sobre a identidade

XIKÃO XIKÃO

VOLUME 4

CAPÍTULO 3 , DOCUMENTO DE IDENTIDADE.

A identidade não é somente aquilo que torna cada indivíduo único ou a representação da própria essência. Existem outros sentidos de identidade que vamos abordar neste capítulo. Mais especificamente, a relação entre o “eu” e o “nós” e as representações originadas dessa relação entre identidade e comunidade. Podendo essas representações ser de diversos tipos: documentos, números e fotos e podendo essas comunidades ser variadas : nação, classe social e profissão. Ademais , essas relações são fundamentais para construção e afirmação da identidade, tanto do indivíduo quanto do grupo. Para fundamentar essas questões, será necessário o uso de algumas citações sobre o tema e a realização de uma análise , baseada em uma série de aquarelas do aluno e em uma série de desenhos de Saul Steinberg.

Primeiramente então é preciso entender a noção de comunidade. Existem vários tipos de comunidades da qual o indivíduo pode ser encaixado ou se encaixar por vontade própria. Pertencer a grupos é requisito para que o indivíduo possa construir sua identidade, pois é dessa maneira que um encontra seus semelhantes (e estabelece também quem são seus diferentes). O indivíduo pode habitar uma ou muitas comunidades, em períodos variáveis de tempo. Essas comunidades são de vários tipos : sociais , econômicas, culturais e outras. Podendo também, em tempos atuais, ser : virtuais. Ou seja, a presença do indivíduo nessas comunidades não precisa mais ser física. Por conta disso, esse pertencimento se torna efêmero. O sociólogo polonês **Zygmunt Bauman** irá desenvolver sobre, em seu livro Identidade.

Os grupos que os indivíduos destituídos pelas estruturas de referência ortodoxas “tentam encontrar ou estabelecer” hoje em dia tendem a ser eletronicamente mediados, frágeis “totalidades virtuais”, em que é fácil entrar e ser abandonado. (p.31).

Apenas para ilustrar essa relação de “pertencimento” nas mais diversas comunidades de um contexto social, apresento o trabalho Egípcios, do artista **Nabil Boutros**. Através da fotografia, Nabil vai se autorretratar pertencendo a diversos grupos diferentes, alguns deles antagônicos. Existe uma crítica na obra, relacionado com os conflitos do mundo árabe, da qual não será aprofundada devido o foco do capítulo ser outro.

Fig. 9



Embora sejam muitas e diversas, as comunidades, Bauman sugere uma classificação. Segundo ele, existem as múltiplas comunidades das quais o indivíduo escolhe pertencer, por quanto tempo desejar. Mas existe outro tipo de comunidade que não é aderida por escolha. O sujeito nasce já pertencendo a esse tipo de comunidade. Podendo acompanhar a identidade do indivíduo ao longo de toda sua vida. O sociólogo polonês vai observar :

É comum afirmar que as “comunidades” (as quais as identidades se referem como sendo as entidades que as definem) são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (...) “vivem juntos numa ligação absoluta” e outra que são “fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios” (p.17).

Uma dessas comunidades “de vida e de destino” é a nação. A nação é uma comunidade que surgiu junto com a invenção da estrutura de poder : Estado, após a Revolução Francesa. Sua função é garantir a soberania de poder do Estado, estabelecendo fronteiras entre o “nós” e os “outros nós”. Um dos recursos utilizados nessa determinação de fronteiras é a imposição da nacionalidade.

A nacionalidade – brasileiro, francês, japonês – é um tipo de identidade imposta a cada indivíduo ao nascer que o Estado utiliza para determinar quem é pertencente à nação e quem não é. A mudança dessa identidade pode até acontecer em certas circunstâncias, mas geralmente essa identidade possui um caráter fixo, e se faz presente em todos os territórios existente. Logo não possuir alguma nacionalidade é equivalente à não existir no mundo. Para ter o controle da nacionalidade, o Estado utiliza do “documento de identidade” como ferramenta.

O documento de identidade é um documento que determina por meio de alguns dados, quem você é (de acordo o Estado). Sua função é legitimar a existência do indivíduo em diversas situações sociais. As informações como: nacionalidade (obviamente), nome, números, assinaturas, foto e até impressão digital garantem a existência do sujeito, dentro e fora de sua nação. Este documento pode muitas vezes aparecer no plural, documentos. No caso brasileiro, existe: o Passaporte, o Registro Geral (RG) e o Código de Pessoa Física (CPF), para mencionar os mais relevantes. Assim como não possuir uma nacionalidade é considerado inexistência, o mesmo vale para aqueles que não possuem documentos desse tipo.

Zygmunt Bauman em seu livro Identidade diz muito dessas questões do capítulo.

A identidade nacional, permita-se acrescentar nunca foi como as outras identidades. Diferentemente delas, que não exigiam adesão inequívoca e fidelidade exclusiva, a identidade nacional não reconhecia competidores, muito menos opositores. Cuidadosamente construída pelo Estado e suas forças, a identidade nacional objetivava o direito monopolista de traçar fronteiras entre “nós” e “eles”. (...) Ser indivíduo de um Estado era a única característica confirmada pelas autoridades nas carteiras de identidade e nos passaportes (...) Uma identidade não certificada era uma fraude. (p.28)

Assim como os documentos de identidade e as questões relacionadas à nacionalidade atraíram a atenção do sociólogo polonês, atraíram minha atenção também.

O resultado desse interesse foi a série de aquarelas chamado 2ª Via, produzida durante os últimos períodos de minha graduação em artes visuais – 2013 e 2014. Consistem-se até o momento num conjunto de vinte e duas aquarelas, de tamanho: 12 x 9 cm , cada uma. Seus processos e questões serão discutidos na sequência

O primeiro momento da criação de 2ª Via parte da relação entre indivíduo e seu documento de identidade. Este documento, junto com seus dados, por ser algo imposto causa na sua maioria das vezes um sentimento de não-pertencimento à aquela representação. Pode ser a foto , o nome , a naturalidade/nacionalidade ou a filiação, fato é que regularmente as pessoas não se identificam com seus documentos. Mesmo assim são obrigadas a usá-los e a serem identificadas daquela maneira. Essas questões foram me inquietando tanto que comecei a observar criticamente quais eram as informações desse documento, no caso Registro Geral (RG) ou popularmente conhecido como “Carteira de Identidade” , e a relação que elas tinham com a identidade do sujeito.

A partir de toda essa reflexão, parti para o segundo momento do trabalho: questionar as pessoas sobre o assunto , para conseguir material para a ideia que me surgia. Fui abordando amigos , conhecidos e levantando a questão da relação entre identidade e documento de identidade. Muitas pessoas concordavam com meu ponto de vista e me indicavam as informações do RG, que consideravam incômodas. Surgiram de diversas falas como: “Nasci em tal cidade ou país, mas vivi maior parte da minha vida em tal lugar” , “Não me reconheço nessa foto” ou “Gosto do meu nome do meio, mas não costumo usa-lo”. Sendo que eu mesmo também possuía meus incômodos com meu RG. A partir disso, sugeri então recriar os documentos das pessoas, solicitando o empréstimo destes documentos.

O terceiro e último momento foi a execução. Por ser concebido como série, estabeleci o tamanho do papel uniforme e por sua vez um tamanho similar ao tamanho do RG a fim de reforçar a ideia de “cópia”. Depois transferi as medidas do documento original para o “novo documento”, a fim de criar um esboço. Por fim, iniciei o processo de pintura, com a técnica de aquarela. Um processo lento em que as camadas de cores vão sendo adicionadas gradativamente. Por possuir uma dimensão pequena e ao mesmo tempo uma riqueza de detalhes, encontrei algumas dificuldades, principalmente na imitação da escrita e dos grafismos. As soluções encontradas foram : associar o bico de pena com a tinta aquarela, a fim de criar escritas mais precisas e utilizar de “máscaras”(fita crepe) para respeitar os limites das estruturas.

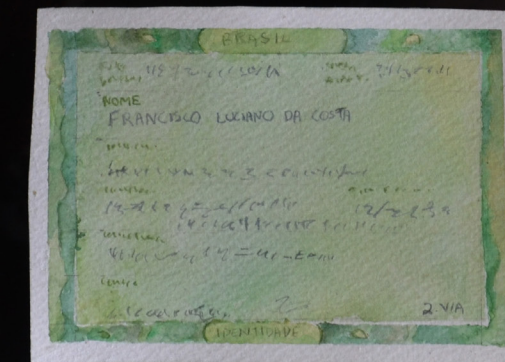
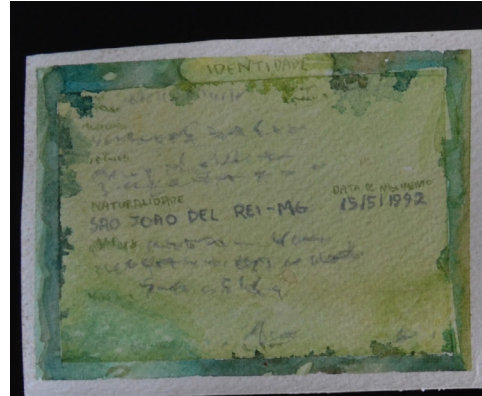
Esse momento final não é só de “cópia”, mas também de criação. 2ª Via como dito anteriormente tem a intenção de recriar identidades, e faz isso através de uma pintura seletiva. Baseado nos diálogos que tive com as pessoas, dividi os relatos em três grupos: aqueles que se identificavam com a foto, aqueles que se identificavam com as informações do verso, e aqueles que se identificavam com a impressão digital. Essa última escolha, da impressão digital, apareceu como recurso para encaixar aquelas pessoas com as quais não pude estabelecer um dialogo satisfatório sobre a questão. Essa divisão determinava qual elemento seria pintado com destaque e quais outros não. O método era destacar um desses elementos, e deixar os demais elementos, ilegíveis ao espectador. Por exemplo, se a pessoa se identificava com sua foto do RG, eu pintava com maior detalhamento essa parte e deixava a impressão digital como uma mancha.



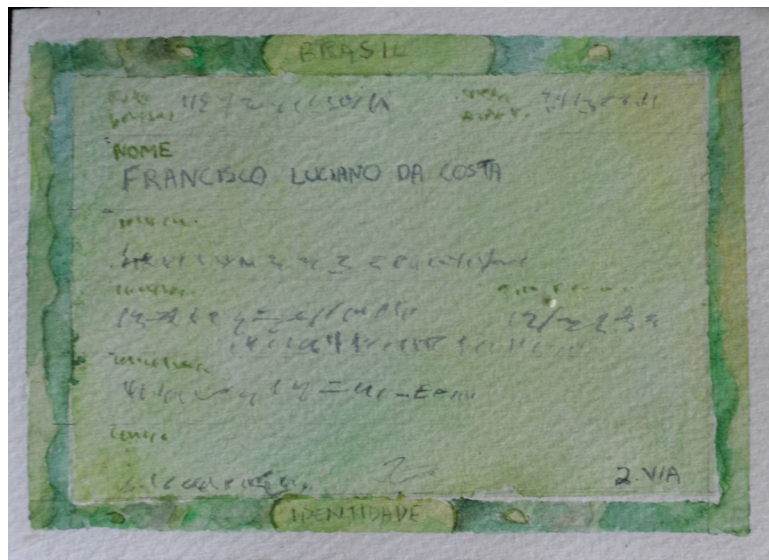
Fig. 10











O compromisso era de ir além da mera cópia e trazer junto perguntas e estéticas próprias. Os “verdes”, por exemplo, que caracterizam nossas carteiras de identidade são apresentados em 2ª Via com uma variação de tons. Já os grafismos em cada obra se apresentam de uma maneira. Também fica claro pelos “borramentos” de certas partes e “detalhamentos” de outras, que a obra propõe alguma ideia ao espectador. Por mais que pareça óbvio que: 2ª Via não é uma mera cópia, essa definição pode não ser tão clara em outros trabalhos. **Athur C. Danto**, crítico de arte norte-americano, vai definir a diferença entre obras de arte-cópia e seus originais, em seu livro A Transfiguração do Lugar Comum.

Qualquer representação que não seja uma obra de arte pode ter um correlato em outra que é arte, e a diferença está no fato de que a obra de arte usa a maneira como a não obra de arte apresenta seu conteúdo para propor uma ideia relacionada. (p.219)

O próximo conjunto de trabalhos a ser analisados, também utiliza a cópia como recurso de criação. Se trata de conjunto de desenho do artista e cartunista **Saul Steinberg**. Este conjunto não constitui uma série, pois são obras concebidas de maneiras diferentes e em anos diferentes. No entanto, eles possuem uma temática parecida e foram compilados, pelo próprio artista, no livro chamado Passport, de 1954. Por ser o próprio artista que realizou essa curadoria de suas obras, ele define o conjunto assim: “Passaporte, um livro sobre: documentos falsos, passaportes, diplomas, certificados, falsas fotografias, com falsas assinaturas.” (tradução livre). Infelizmente, o livro não possui versão traduzida e sua versão original em inglês tem poucas edições.

No entanto, foi possível encontrar quatro obras desse livro e serão utilizadas na análise à seguir. São elas, os seguintes desenhos : Passport , de 1951, Large Document de 1951 , “Rimbaud’s Lost Diary” de 1953 e Group Photo (e detalhe) também de 1953.

Antes da reflexão sobre os trabalhos, conhecer brevemente a biografia de **Saul Steinberg** é essencial, pois sua trajetória de vida influencia na realização dos trabalhos citados. Saul Steinberg nasceu na România, estudou na Itália e logo após fugiu da mesma, por causa da perseguição aos judeus, na época do Fascismo. Viajou então para a República Dominicana. Morou lá temporariamente até seu visto para os Estados Unidos ser aprovado, Se naturalizou norte-americano e viajou , a trabalho, para vários países do mundo como : China, Turquia e Brasil.

Nessa rápida biografia é possível observar que Steinberg pertenceu a várias nacionalidades, mesmo que temporariamente. Além de estar sempre viajando a trabalho, ocupando , várias vezes , o papel de estrangeiro. Por conta desses diversos trânsitos, Steinberg possuía documentos de identidade de diversos tipos e enfrentou inúmeras burocracias nesse processos migratórios. Esta condição levou o artista a refletir sobre essas noções de documento, cópia e comunidade e a produzir alguns trabalhos sobre essas noções citadas. Dentre eles, os quatro trabalhos encontrados, que fazem parte do livro Passport.

Nas obras : Passport (1951) e Large Document (1951) , o artista utiliza do desenho para copiar diversos elementos que compõem um passaporte e um documento genérico, respectivamente. Assinatura, caligrafias, carimbos, grafias e símbolos são copiados para a folha de papel. Para isso , Steinberg utiliza de diversos materiais e recursos como : nanquim, bico de pena, carimbo e até mesmo colagem, mantendo o pouco uso da cor. Em alguns detalhes de sua “cópia”, Steinberg deixa claro sua crítica em relação ao assunto. Em Large Document , a ironia do cartunista é visível no campo das assinaturas, pois Steinberg exagera e insere um excesso de assinaturas complexas na composição da folha. Já em Passport, Steinberg ironiza os elementos de um documento, ao substituir a foto de seu passaporte por um retrato feito de impressões digitais. Esse tipo de retrato, feito com impressões digitais, irá repetir em outros trabalhos do artista.

Já na obra : Rimbaud’s Lost Diary ou também conhecida como Document Rimbaud , os elementos que compõem a obra são os mesmos : assinaturas, carimbos, grafismos , fotos de impressão digital e afins. Porém a diferença acontece no processo, pois a obra não é baseada em um documento real. Steinberg a partir de seu repertório de “falsificações”, cria um documento fictício para o poeta **Arthur Rimbaud**. Talvez pelo motivo, de Rimbaud ter viajado muito pelo mundo, como Steinberg. Além disso , o trabalho problematiza as noções de cópia e original.

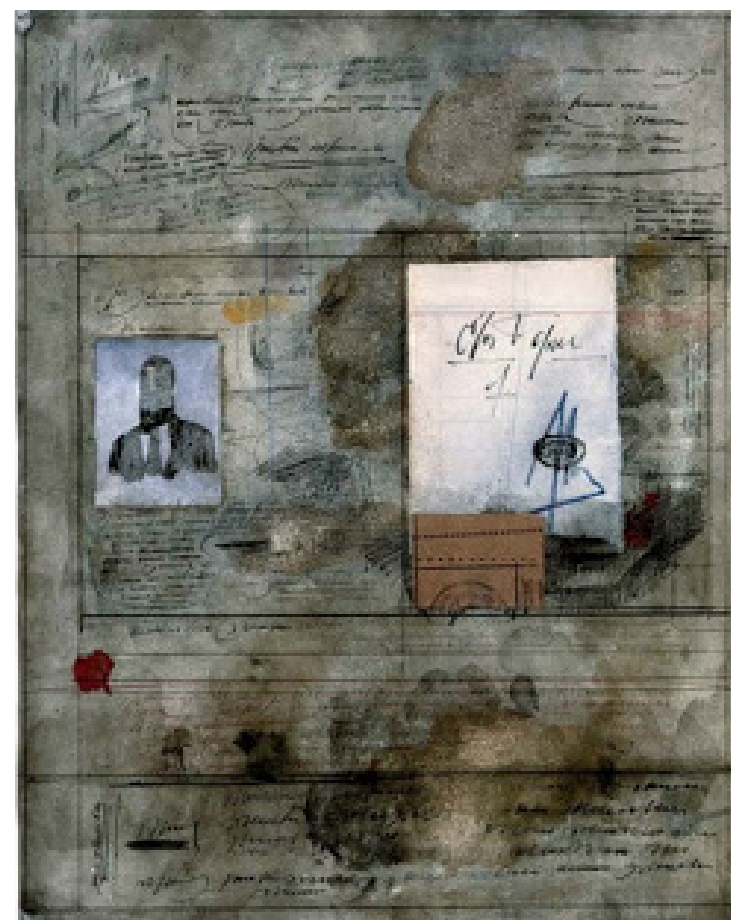


Fig. 11



Fig. 12

Fig. 13



Sobre a noção de cópia, interessante ressaltar que ambos os artistas, **Xikão Xikão** e **Saul Steinberg**, relativizam essa noção em suas obras. Embora as atitudes sejam diferentes, o artista/aluno possua um caráter mais poético enquanto o cartunista/artista possua um caráter mais irônico, ambos usam da cópia para criticar noções como : nação, nacionalidade e documento. Com suas falsificações, os artistas enfrentam estruturas de poder, como o Estado. É a cópia como ato político. Afinal a cópia não só discute a originalidade, ela também pode ter uma intenção transgressora.

Finalmente, a última obra desse conjunto destoa um pouco das anteriores. Group Photo (e detalhe) de 1953, volta-se para a questão inicial do capítulo, a relação entre indivíduo e grupo, no que se refere à identidade. As referências utilizadas , para criação de Group Photo, foram as “fotos de grupo” que são realizadas num contexto geralmente de equipe profissional ou equipe de esportes , em que todos os participantes, vestidos de uniforme, permanecem em linha reta formando uma ou mais fileiras. Um tipo de representação muito comum e de caráter formal. Dessa maneira, **Saul Steinberg** recria uma foto em grupo, utilizando de seus retratos feitos com impressões digitais. Esses “retratos de impressão digital” já apareceram em outros trabalhos do artista e tem caráter bem simplificado. Não deveriam ser chamados de “retratos”, pois não revelam particularidades de cada modelo. Assim, a ironia da obra é que todos os sujeitos são idênticos. O rosto como uma impressão digital e a roupa como um desenho simplificado. Com isso, Steinberg questiona a “genuinidade” da identidade e problematiza essa relação do “eu” com “nós”. Consequentemente , também relativa as representações oriundas dessa relação.

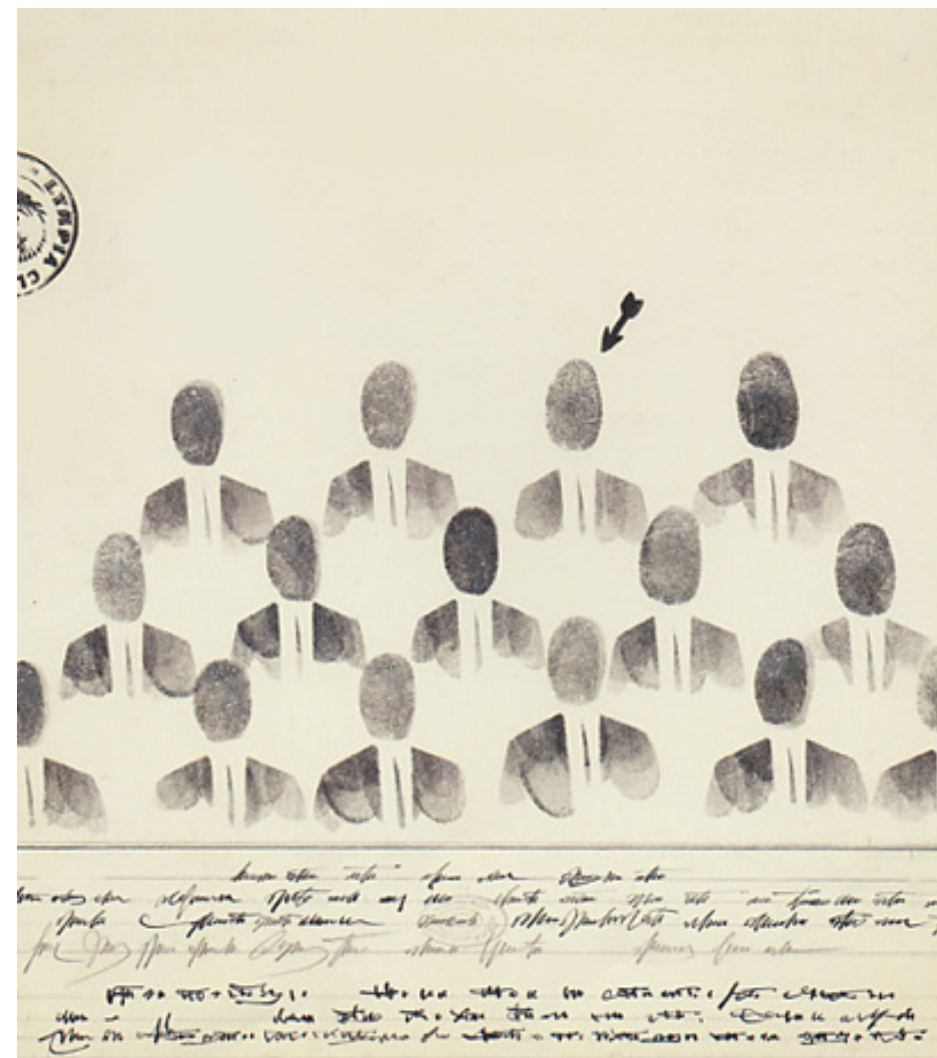


Fig. 14

Sobre este tipo de representação grupal e a relação estabelecida entre sujeito e grupo. **Anna Teresa Fabris** vai discorrer em seu livro: Identidades Virtuais.

Cada grupo proporciona um contexto identitário para os indivíduos, condicionando a auto-apresentação de um à presença dos outros. Ao integrar um grupo, o indivíduo partilha uma noção de identidade bem mais ampla do aquela do ser isolado, pois as relações mútuas estabelecem as normas de significação e os equilíbrios que serão transpostos para a fotografia . Na representação simbólica, o conjunto prevalece sobre o indivíduo, sem apagar porém, a personalidade de cada integrante. (p.52)

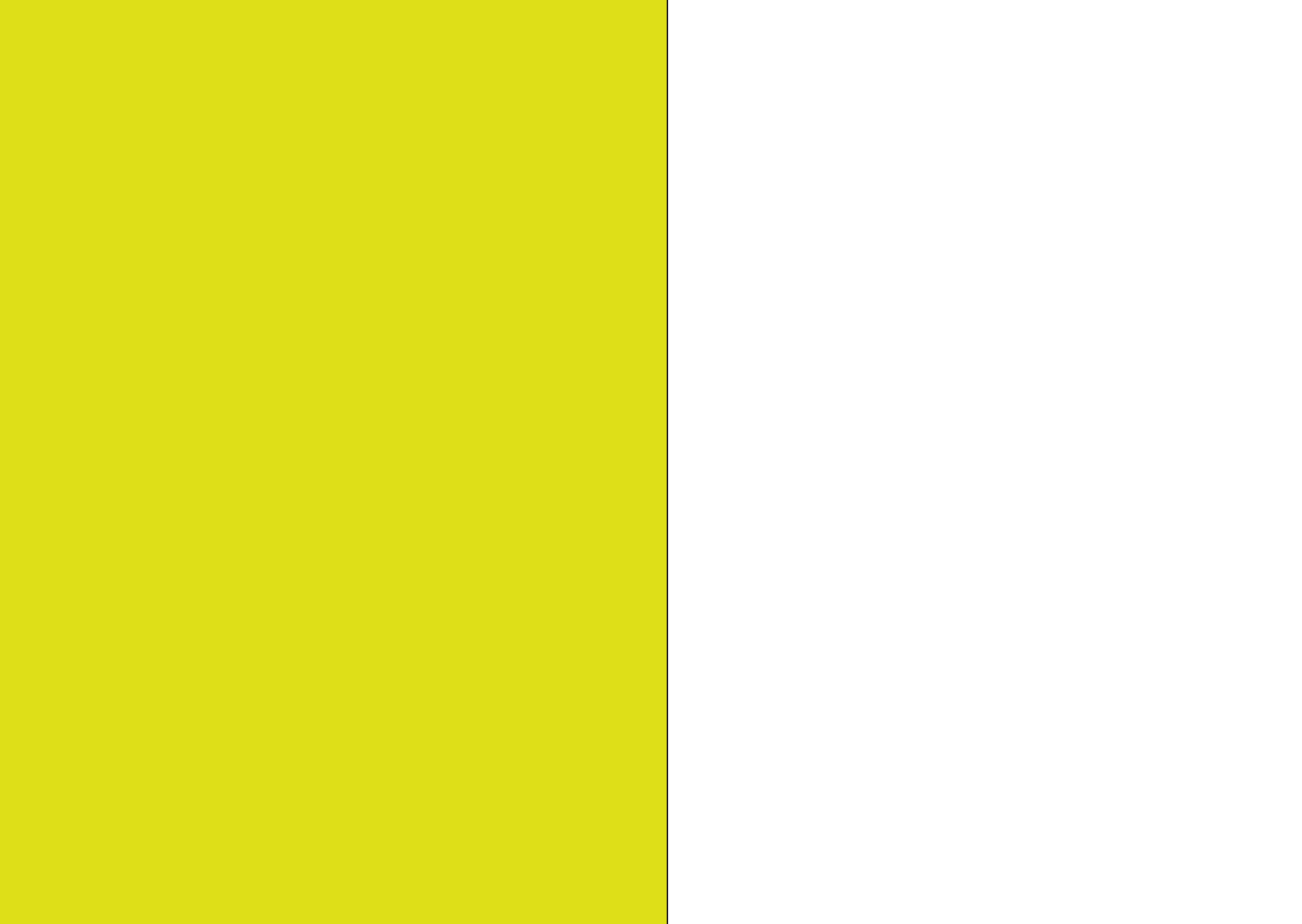
Por fim, é interessante observar que as reflexões, artísticas e teóricas, sobre a relação entre identidade e comunidade são bem recentes. Por conta, de conceitos novos como a globalização e a apropriação, as representações da identidade vêm mudando. Assim como as representações de comunidade. As próprias noções de identidade e comunidade vêm passando por mudanças. Sobre essas mudanças da identidade e as novas maneiras de representá-las, veremos nos demais capítulos deste **TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)**.



Fig. 14 (detalhe)



Capa do livro : The Passport



EU, VOCÊ, NÓS
Investigações sobre a identidade
XIKÃO XIKÃO
VOLUME 5

CONCLUSÃO

Finalizar um TCC ou uma graduação é o momento de realizar uma pausa. Apenas o conceito de pausa é coerente com estas situações, pois quando se termina uma pesquisa, se iniciam outras. Ponto final ou última página não necessariamente encerram discussões. Sempre haverá algo a acrescentar. Assim também é com esta dissertação. A mesma possibilitou percorrer de forma fragmentada: as discussões sobre a identidade e analisar algumas obras relacionadas (minhas e de outros artistas). No entanto, vários foram os tópicos não levantados ou as referências não recorridas.

A fim de amenizar essa falta, principalmente de imagens, criei um anexo imagético. Este anexo traz uma compilação de obras de arte que não entraram para a versão final deste TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Dentre elas: obras minhas e obras de outros artistas. Sendo que a escolha delas não é gratuita, pois embora não tenham entrado no corpo dos capítulos, elas apresentam ideias relacionadas com as questões apresentadas. Além de introduzirem “novas” questões que foram esquecidas ou só brevemente citadas. Possibilitando então uma continuidade de discussão.

Identidade corporal, Identidade virtual, Identidade dividida, Identidade multiplicada.

Sinto que, mesmo com suas lacunas , este TCC cumpriu seus objetivos. Durante o processo de escrita foi necessário conhecer meu próprio trabalho e o trabalho de outros, teóricos e artistas. Foram vários os encontros. Tornou-se necessário também organizar e discorrer sobre esses encontros, por meio da escrita. Muitas vezes, palavra e imagem discordam, no entanto acabam se complementando. A experiência de escrever um TCC sobre a própria produção, me possibilitou três experiências: compreender melhor meu trabalho, conhecer trabalhos semelhantes e entender algumas das ideias fundamentais que circundam a temática da identidade.

O processo é retrospectivo e prospectivo, ao mesmo tempo. Utilizo da memória para lembrar as inspirações e dúvidas já vivenciei. Ao mesmo tempo em que imagino meus próximos passos, à partir da bagagem adquirida. As descobertas fomentam a continuidade da pesquisa do aluno-artista. Além disso, descobri pessoas que pensavam como eu e que pensavam como eu ainda não havia pensando. Somente com a experiência do TCC enxerguei como a temática da identidade sempre foi discutida e principalmente, como é discutida cada vez mais.

Selfie , Redes Sociais, Globalização , Fronteiras, Passaporte, Coletivo , Minorias.

Por fim, vale lembrar que o conteúdo aqui alcançado pode ser revisto a qualquer momento. Pois toda pesquisa, imagética ou textual, é efêmera. Embora uma pesquisa não acompanhe as mudanças do mundo, ela se atualiza quando influencia próximas pesquisas. Espero que este TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) contamine outras pesquisas também.

Fim/Início.

ANEXO



Fig. 15

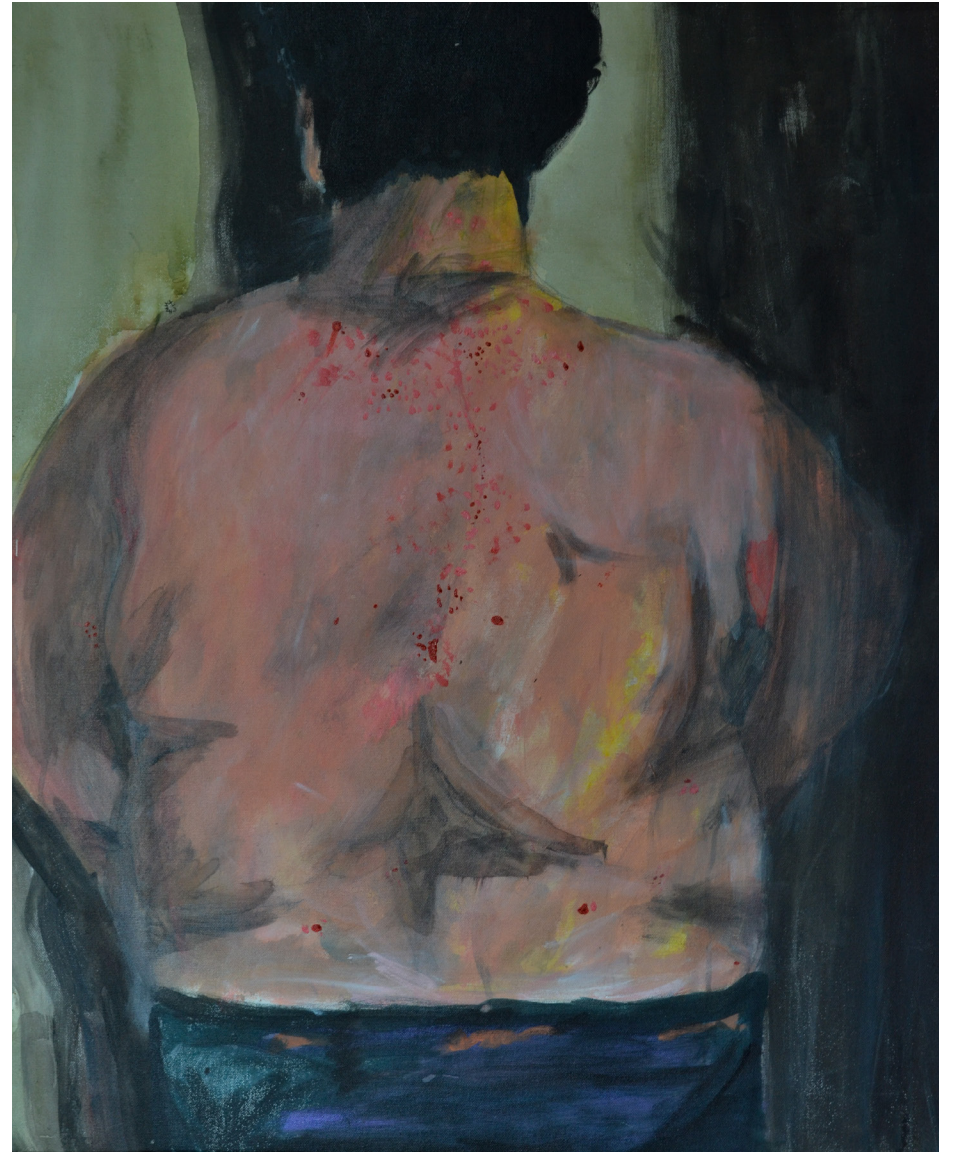


Fig. 16

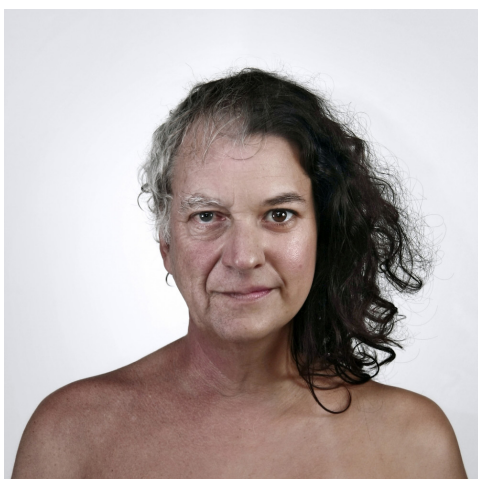
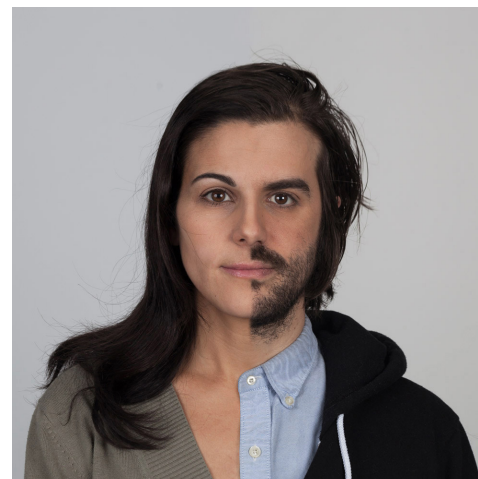


Fig. 17



Fig. 18





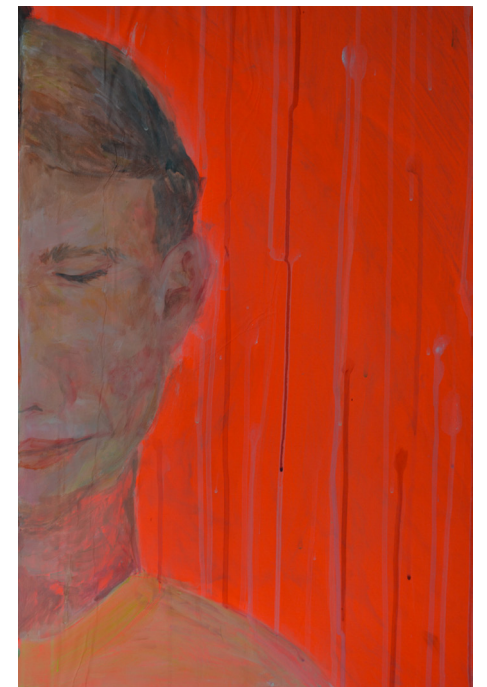


Fig. 19

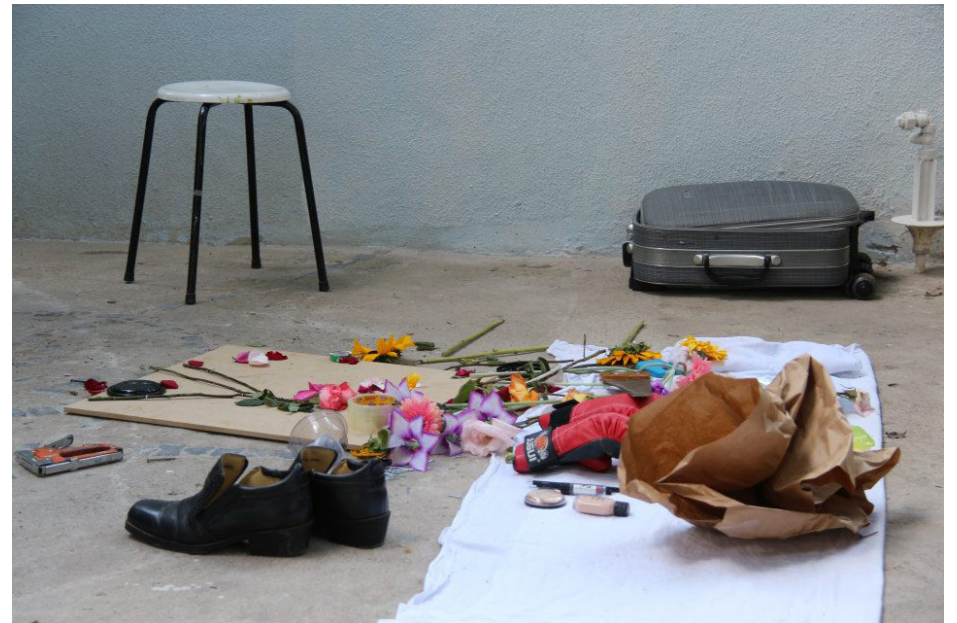
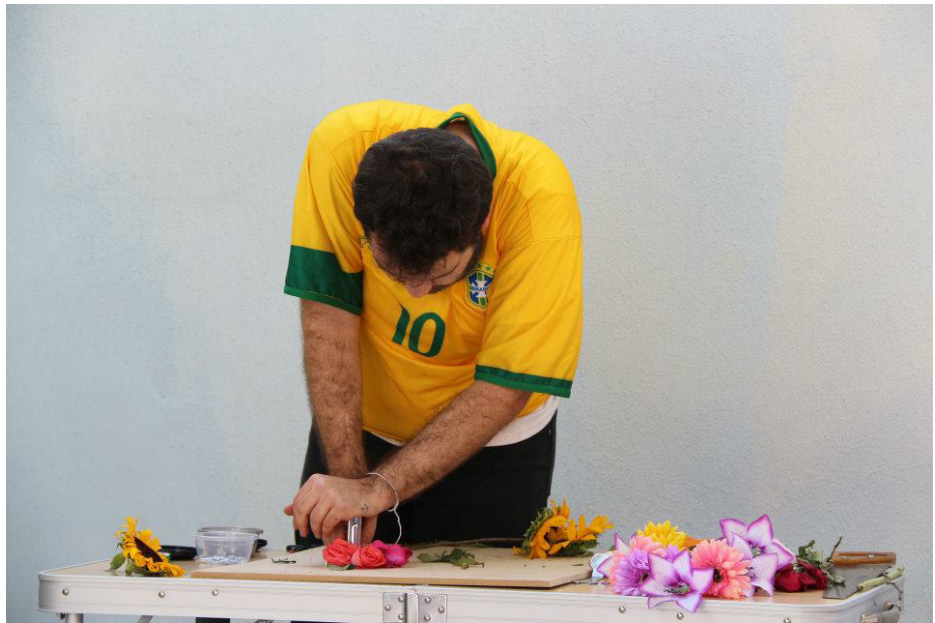




Fig. 20



Fig. 21



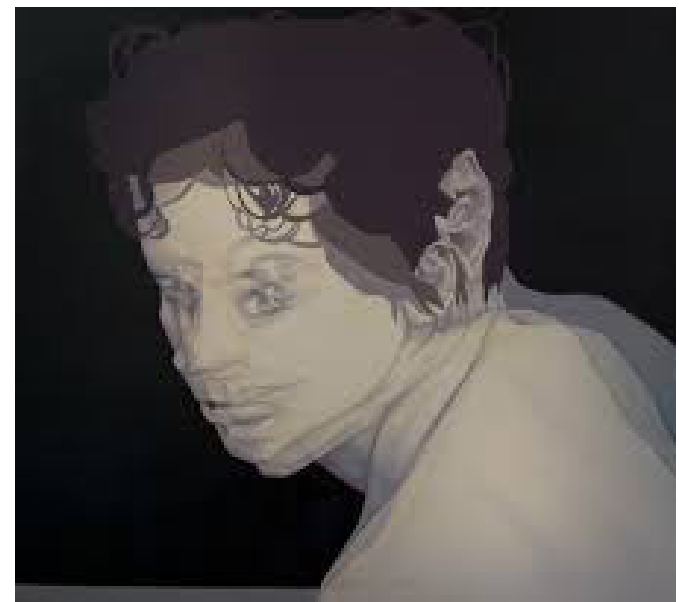


Fig. 22

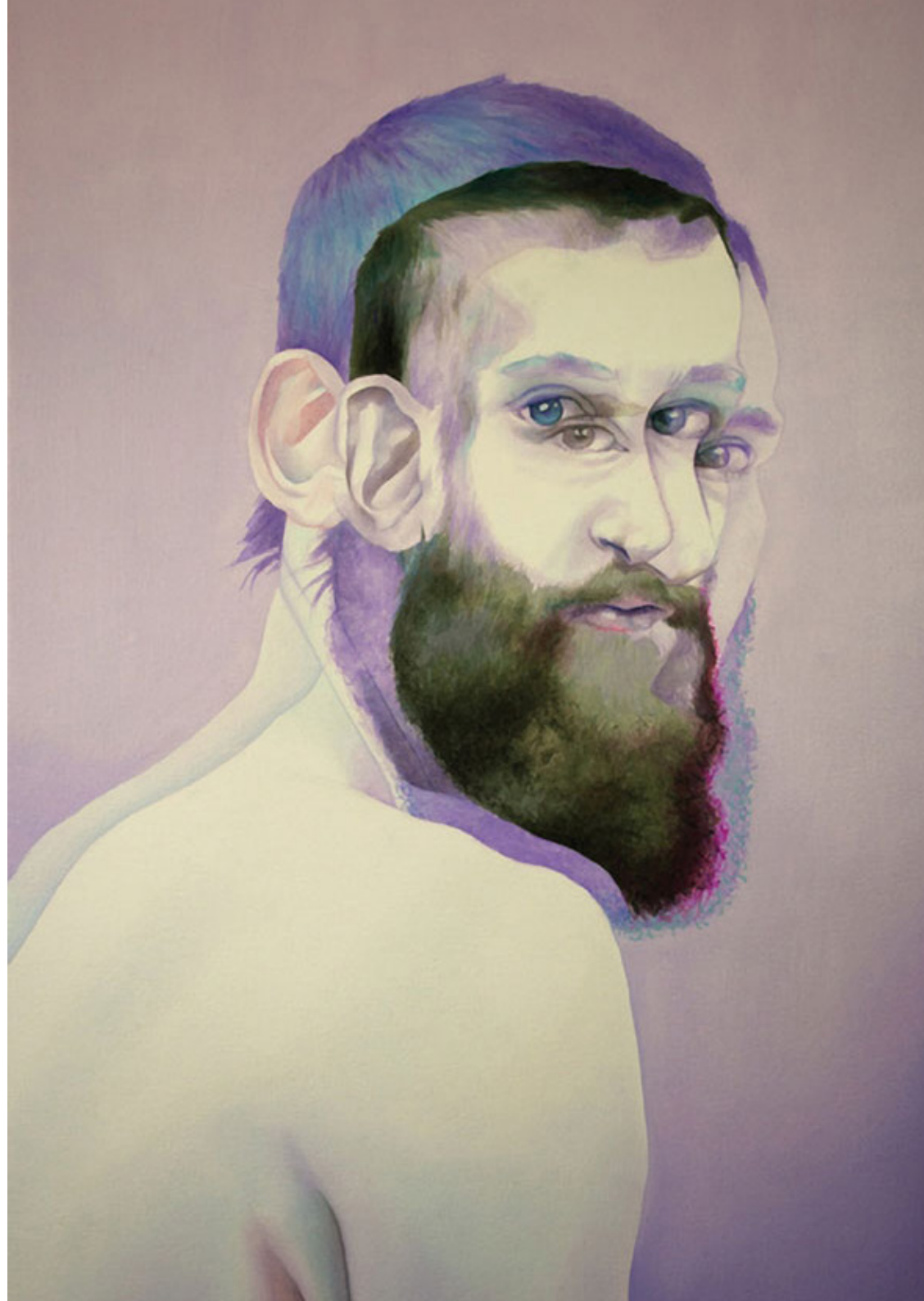
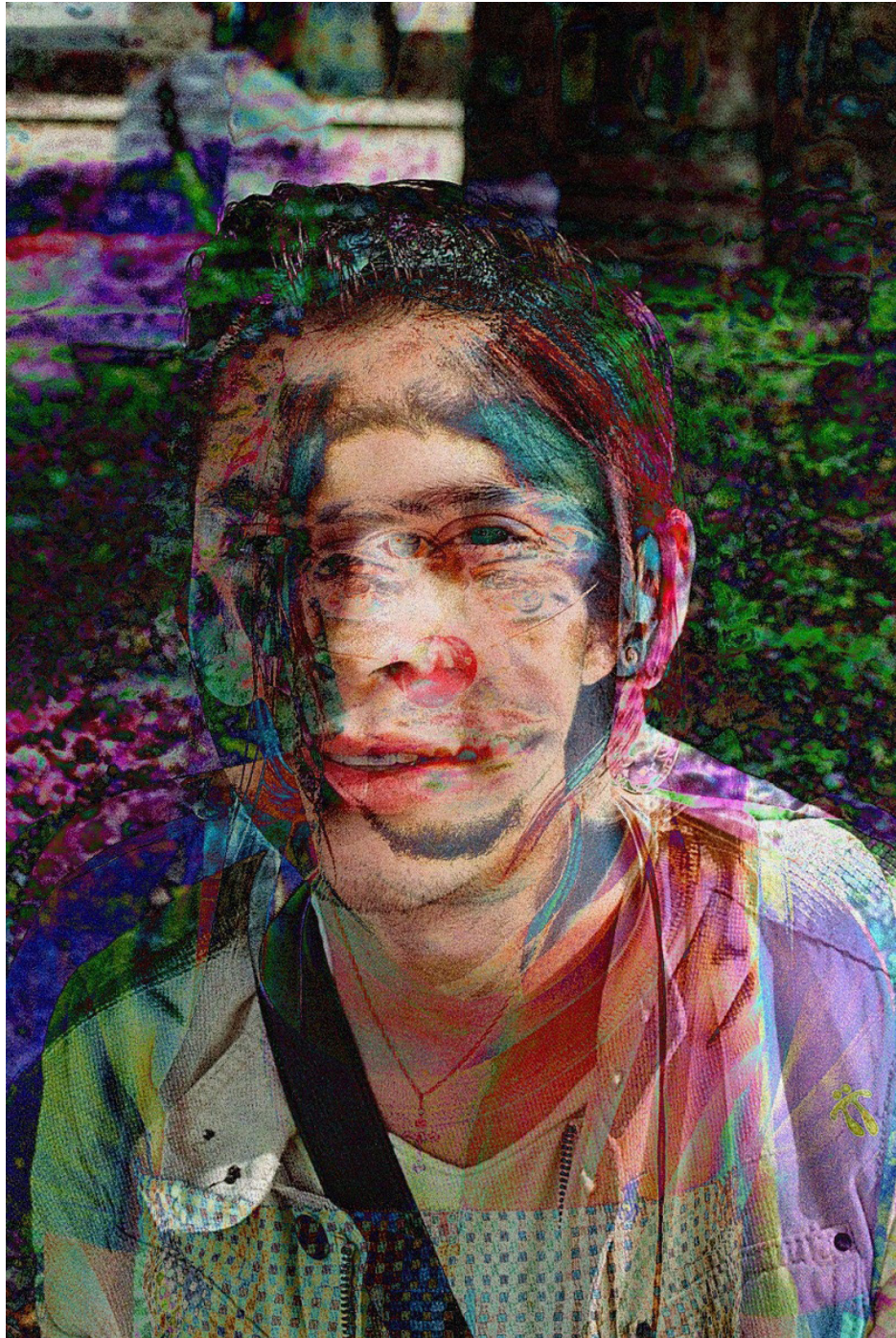


Fig. 23





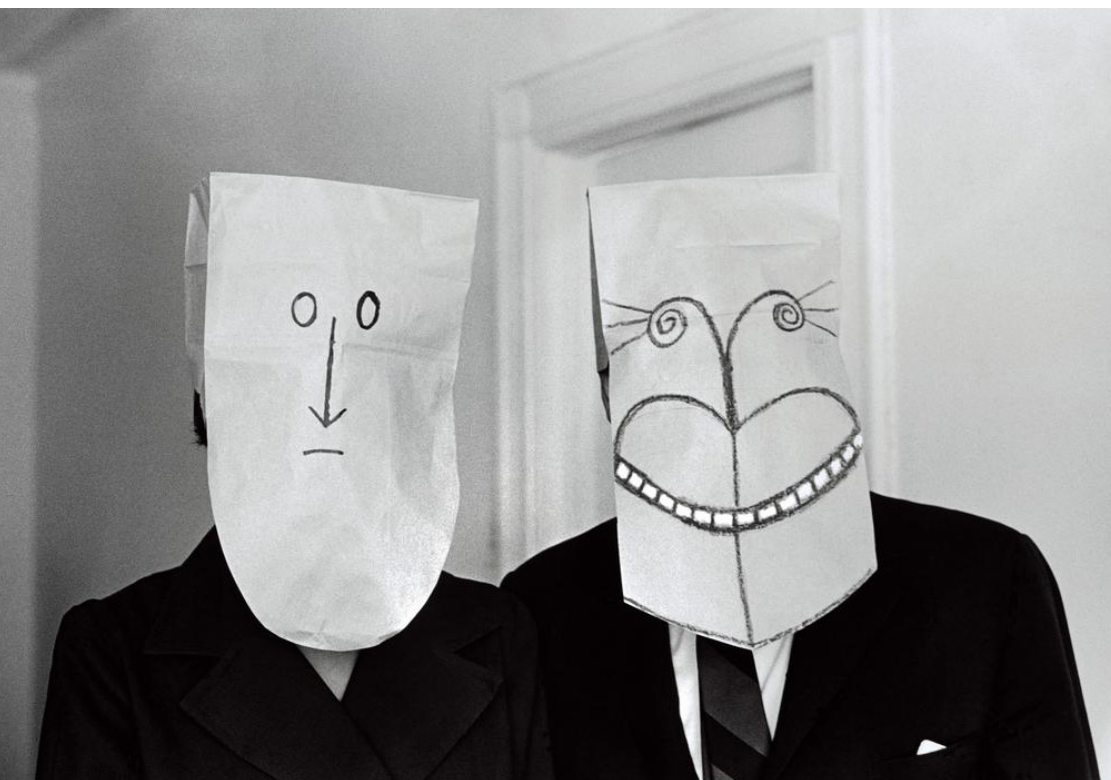


Fig. 24







Fig. 25





Fig. 26

BIBLIOGRAFIA

BAQUÉ, DOMINIQUE. Apropriações , Mestizajes e Híbridaciones, In_La Fotografia Plástica, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2003

BAUMAN, ZYGMUNT. Identidade : entrevista a Benedetto Vecchi/ tradução : Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro : Zahar, 2005.

BORGES, JORGE LUIS. Obras Completas de Jose Luis Borges. Buenos Aires : Emecé Editores , S.A, 14ª Edição, 1974.

BRION, MARCEL. Albrecht Durer : his life and work. Londres : Thames and Hudson, 1960.

CAMPOS, ELISA. O Auto-retrato , a tradição do auto-retrato. Belo Horizonte, Escola de Belas Artes/ UFMG. 2004.

CANTON, KATIA. Corpo, Identidade e erotismo. São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2009 – [Coleção temas da arte contemporânea]

CORPO COLETIVO. Disponível em : <<http://www.eba.ufmg.br/collectivebody/principal.html>> Acesso , em 01 de Novembro de 2014.

CYNTHIA CAAR, David Wojnarowicz – Interview Magazine. Disponível em : < <http://www.interviewmagazine.com/art/david-wojnarowicz/>> Acesso em 01 de Novembro de 2014.

DANTO, ARTHUR C. A transfiguração do lugar-comum : uma filosofia da arte / Tradução : Vera Pereira. São Paulo : Cosac Naify , 312p , 2010.

DOWNTOWN PIX. David Wojnarowicz. Disponível em : < <https://www.nyu.edu/greyart/exhibits/downtown%20pix/Wojnarowicz.html>>
Acesso em 01 de Novembro de 2014.

FABRIS, ANNATERESA. Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2004.

HALL, STUART. A Identidade Cultural na pós-modernidade / tradução : Thomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11. Ed. , 1.reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

RIMBAUD, ARTHUR. Correspondência / Tradução, notas e comentários : Ivo Barroso. Rio Janeiro, Topbooks , 2009.

STEINBERG, SAUL. Saul Steinberg, Paperback – Text by Harold Rosenberg. Alemanha: Rowohlt Verlag, 1964.

VIEIRA, LUIZ HENRIQUE. Identidade e Alteridade na Construção do Autorretrato : Quando o “outro” é convocado para figurar na superfície especular. Belo Horizonte : Escola de Belas Artes/ UFMG. 2012

WHITE, EDMUND. Rimbaud : a vida dupla de um rebelde / tradução Marcos Bagno – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.



